

# Textos

Marlene Kremer

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 09/09/2016

Título : A Carta

Categoria: Poesia

Descrição: Contigo, futuros ousei sonhar amigo! E, através desta carta...

Contigo, futuros ousei sonhar amigo!

E através desta minha carta,

Simple carta, envio-te o desejo

De mil felicidades!

Um grande abraço, um doce beijo

E que a distância jamais nos afaste.

Pois que, do verso, sereis vós palavra viva.

Digo-lhe mais ainda: como uma rosa,

Ou dessa, grande parte,

Me serás presença sempre forte

- flor que se baste -

Ou também

Suporte,  
Haste.  
[avisa-me o apito do trem]  
Desculpai.  
Adeus!

Da pessoa que lhe quer bem,  
Atenciosamente

Tua amiga.

Data : 22/01/2014  
Título : A Dor Do Outro  
Categoria: Poesia  
Descrição: esquisitice aguda/ essa, de medir loucuras...

Esquisitice aguda  
Esta coisa de medir dores  
Se medires o sofrer  
Do outro  
Verás  
Nem tudo é,  
Nem tudo são flores  
Do sofrimento,  
Tome-o para si  
E tudo muda...

Esquisitice aguda  
Esta coisa de medir

Loucuras  
Ainda estou à procura  
De mim:  
E se me ocupo  
Em obter dimensões  
Então...  
Ganho  
Se na culpa  
De ser o que sou  
Me estranho  
Comigo mesmo  
Afinal...

A dor declarada do mundo me põe marginal.

Passo fundo, RS (22/01/14)

Data : 04/04/2013

Título : A Felicidade Permite...

Categoria: Poesia

Descrição: Você finge que me namora/ e eu finjo que te acredito/ assim o viver mais se demora/ e o faz de conta...

Você finge que me namora  
E eu finjo que te acredito  
Assim o viver mais se demora  
E o faz de conta se faz mais bonito.

Você inventa uma canção por agora,  
E eu resgato um refrão menos sofrido,  
Enfrentemos, juntos, o passar das horas  
Enquanto (cá dentro) acomoda se amor dorido.

Você sai, bate a porta, diz que vai embora  
E eu finjo nem dar te ouvidos:  
Se não nos alcança o romper da aurora  
É porque admite-nos ser esposa e marido.

Você não mais me acredita, até ignora,  
Não sabes que amar é também impor limites?  
Adiemos, pois, tolices infundadas de outrora  
Que a vida apressa-nos e a felicidade permite!

Data : 16/12/2016

Título : A Menina e a Febre

Categoria: Sonetos

Descrição: Quis ela dizer: queima-me o amor?! Em estado letárgico a menina arde...

Teria ela dito, queima-me esse amor?  
Em estado letárgico a menina arde...  
Uma tarde... uma febre por calor?  
Sim, a menina, acostumada, arde...  
Encontraria ela alívio nas chamas?  
A penicilina, lhe abranda a pele...  
Ainda tremente de amor (porque ama).

Ao príncipe, assunta a boca desacordada:  
Há promessa meio aos dois, que se sele.  
Pois que sele-se a sordidez e a chama..  
Tal ardência entre amante e amada.  
Por entre lençóis na desarrumada cama:  
Não é febre, não é doença, não é nada.  
São sinais: manhas de quem muito ama!

Data : 01/01/2011

Título : À Toa Na Vida

Categoria: Poesia

Descrição: O que eu penso? Eu sinto graça Daquele momento que hora passa...

À Toa Na Vida

O que eu penso? Eu sinto graça  
Desse momento que hora passa;  
O desta vida que se esvai...  
Num senta levanta, um cai não cai.  
Do homem que por aí se sobressai,  
Diria... meio tonto, um tanto burro  
- desde que não viva de escuro -  
Certo? Com sorte, ele enxerga e vai...  
Os anos? Estes que não recupera,  
Fazem parte desta brincade'ra  
Que é viver em voo alto astral...  
Vê, que símbolo puramente animal:  
Um cisne roçando a pata... à lagoa..

Sim, sim. São bichos à viverem de boa!  
É irmão, afagando a vida (que não perdoa);  
Imagens cruas, fugidias, próximas ao ideal  
Que, seria, um viver assim... meio à toa!!

Data : 30/11/2013

Título : Alegorias

Categoria: Poesia

Descrição: Bravos corações passam a ferir/ a si mesmos... quando...

Bravos corações  
Passam a ferir  
A si mesmos quando  
No seu entorno  
Moldam se ilusões  
Combinadas ao desatino  
Da desesperança  
Mesclam-se às bodas  
Boas e más lembranças  
O traço fino  
Das emoções  
A delimitar aliança...

O córtex reclama  
O vital das alianças:  
Vícios e desperdícios  
A serviço  
Do nada,  
Pois que, destinos  
E humanidade,

Omissos,  
Vergam unidos às enfermidades  
D'alma  
Enquanto alienados  
Na barbárie  
Patológica dos séculos  
Propõem ideais com suporte  
Na mediocridade  
Slente das premissas...  
O objeto? Explicar  
Ao padre  
A lógica da missa...  
Sem que séculos em guerra,  
Ouçam a vóz  
Das sortes  
Toscamente omissas.

M. K. 30/11/13

Data : 09/09/2016

Título : Alucinógenos

Categoria: Poesia

Descrição: Meu fatal disfarce usa de gestos tolos, Como abanar os longos cabelos louros...

Meu fatal disfarce, usa de gestos tolos;  
Como abanar os longos cabelos louros,  
Diante de teus escuros olhos de mouro.  
Não mais arrepias (em prazer) os pelos

O toque suave do meu dorso em teu colo.  
Já meu desassossego acaba na hora exata  
Em que me acaricias a vista com tua farta  
Graça... Apoiada em tuas faces de mouro.

Venho lutando dia a dia, minuto a minuto,  
A converter minhas loucuras em sanidade;  
Do que, penso, seria sonho - resoluto -  
Ter-se algum direito, n'alguma felicidade.

E por ser mudo que se faz o último apelo,  
De um condenado à morte, no corredor...  
E ainda que em seu socorro, merecê-lo;  
Gritos não me vêm: mato enfim teu amor!

Data : 24/01/2015

Título : Amantes

Categoria: Sonetos

Descrição: Cada falar seu, um movimento qualquer;/ Conta me desta performance...

Qualquer fala sua, um movimento qualquer,  
Conta-me desta performance em fantasias:  
Dubla o que quer... um homem, uma mulher.  
Acabrunha o sol, o ermo das horas e dias...

Invertem-se luas na fase do bem me quer.  
Burla cirandas, onde, o pega-pega e folia  
Diz, pronto. Tudo pronto pra o que der e vier.  
Pasma, ali, inerte, caras de bobos da alegria,



Intui: parece, à sua volta, nada mais importa:  
Ah, bem que acabar o mundo, agora, podia!  
Todavia, chegada a hora, a chave na porta;

O longo abraço denotando afã e nostalgia,  
Vê, cada despedida sobreviver meio morta,  
À façanha moribunda d'um amor em agonia.

Data : 02/01/2015

Título : Amor, saciedade para os famintos de quê?

Categoria: Crônicas

Descrição: Fala se tanto do Amor como tema infindável que é e sempre a serviço de justificativas para curas da alma que, não raro, passa nos a soar como assunto trivial; inclusive levando nos a acreditar, nalgum dado momento, que sim...

Fala se tanto do Amor como tema infindável que é e sempre a serviço de justificativas para curas da alma que, não raro, passa nos a soar como assunto trivial; inclusive levando nos a crer, nalgum dado momento da vida, que, sim, o amor tende a ser visto como a menos um complemento salutar, porque não o dizer, em nossas necessidades diárias embora precisarmos tanto deste componente de criação com relação a sua criatura. Isso tudo, sem nos darmos conta de que a banalização da vida e dos sentimentos poderá fazer com que percamos, de vez, antigos hábitos revigorantes de reestruturação social, principalmente, enquanto estamos voltados a valorizar, mais que tudo, a perca dos preciosos minutos do dia a dia em contraste ao amor, esse mesmo que escorre feito areia fina por entre finas passagens na linha do tempo ainda que grudados à paredes geladas de complexas galerias feitas para aprisionar gente e comportamentos. E ainda que o gostar nos alcance imitando a breves tsunamis devolvidos ao seio natural das águas salgadas e sem causar grandes danos à sua orla, serve nos de alerta aos sentidos mudos da abstração amorosa. Empobrece este nosso pensamento. Ou por simples distração (deveras, quase sempre nos pega de surpresa!) ou por estarmos demasiado ocupados com questões outras inerente ao humano as quais, aparentemente, não deleguem exclusividade a ele, o amor, nalguma determinada etapa de nossas vidas. Nesse ínterim, entre descasos e trivialidades, ao negar lhe a importância devida,

perdemos nós. Compreensível até determinado ponto, já que a vida prática costuma desumanizar afetos e proximidades mas... importante, criaturas bem aventuradas, isso tudo sem generalizar a coisa, certo?! Pois sempre há ressalvas e nem todos encarariam a esse sentimento como sendo ele único alvo para sua 'salvação' ou, então, fator primordial de subsistência para si quando das suas carências mas e se naturalmente concebido, igual sendo uma fundamental necessidade para perpetuação dos seres em tempos não tão saudáveis, psicologicamente avaliando tão delicado assunto. Os que ao amor visualizam imputando-lhe valor de uma constante em suas vidas, perseguem-no como a uma caça: se não a alcançam, causam-nos a impressão de viver num eterno estado de desnutrição devido suposta falta, parecendo perder equilíbrio ou mesmo o entusiasmo que essa "fugaz" adrenalina toda-lhes propicia no âmago de sua força interior. É como se algo estivesse prestes a acontecer ou, vice-versa, quem sabe, desaparecer? Mas e se, novamente, ocorrer-lhes o chamado, um certo obsessivismo vai junto; grifa-se uma espécie de mantra no pensamento: um eco reverbera a inquietante voz do "Ó, estou a viver um gran amor!" ou, ainda, e na forma mais dramática "Ah, estou a morrer de amor!" Hum, fraquinho isso tudo! Bate quase como que uma obrigação o estar amando perante nossos amigos e conhecidos, porém... Vai mais além esse primoroso sentimento apoiado no poder de evitar frustrações e mesmo salvaguardar náufragos, na busca de sobreviventes em mares clandestinos e que estão a se debater no desespero de encontrar a sua boia de salvação.

Já observando por outro ângulo, quando ele, o amor, acontecer de maneira leviana, inconsequente, o gesto que ora deveria ser esboçado como triunfo, uma forma de saciedade plena para almas inconstantes, apresenta-se nos, vez ou outra, como se o cristão houvesse acertado apenas a quadra e não logo o bilhete inteiro, os seis esperados números de loteria na virada do Ano Novo. Resumindo: não foi valorizado como dever-se-ia valorizar-lhe. E, em assim sendo, 'tudo' escaparia de nossas mãos para só então, bem mais tarde, nos apercebermos de que o tal sentimento não se tratava de um equívoco, somente: havia, sim, ali, no íntimo, um algo mais naquele desassossego de almas.

Sacrilégio, isso!

Em geral, ao levantar-se tal tema o que nos vêm de imediato à memória é o amor carnal. Ledo engano! Amar vai bem mais além da presença da entrega física que, infelizmente, mais do que sentimento pré-definido (paixão, dizem, dessa fase um tanto crítica) acaba sendo ainda mal interpretado (pecaminoso, seria?) se não detectado a tempo por cabeças amadurecidas; chegando ao extremo de ser utilizado como uma barganha qualquer, uma moeda de troca ou até mesmo favores, dentre outros câmbios em detrimento de falso prazer. Subversivo é a palavra apropriada, aqui, se ou quando no foro da ilegalidade, provoquem-se algumas situações confusas, se é que me entendem os do universo adulto. Baboseiras, dirão alguns! Esse papo todo, o compromisso com a verdade e, por conseguinte, com o Amor de verdade, anda meio que fora de moda no momento, pessoas. Será?! Não assimilo dessa forma, assim, banal. Muitos até irão concordar comigo, obrigada!

Bom! Seriam inúmeras as versões ou definições apresentadas para sentimentos feito esse, o nosso caro/nobre ato de amar alguém sem olhar a quem e seus bons presságios, se as formos procurar, organizadas as etapas vivenciais de cada um. Mas, lamentavelmente, isso não impede que o amor, para alguns,

continue a passar tão rápido por determinadas mentes como sendo, digamos... Resultado de breve efeito cometa a desfigurar se rápido no ínfimo horizonte dos desalmados onde, neles, jazem as nuances outrora aplaudidas por eles próprios. Pena! Isso jamais deveria suceder às pompas, na forma leviana, quase que pernicioso ao ser. Ainda assim, acrescento, a minha mais simples pura forma de AMAR, diz-me que devemos usar lhe, ao digníssimo sentimento, esse: usar e abusar dele enquanto há TEMPO, pois se o ódio ganhar terreno - tendenciosamente argumentando - estaremos todos perdidos. Não na ilha comum do LOVE comum; mas sim num deserto arenoso, perigoso, aterrador até as últimas consequências.

Bye! M. K. (Passo Fundo, RS)

Data : 12/08/2008

Título : Amores Meus (Soneto XII)

Categoria: Sonetos

Descrição: Corri em direção á janela. Nova manhã. Foi se a noite. Uma a uma...

(Amores Meus, soneto XII)

Corri em direção à janela. Nova manhã.  
Foi-se a noite. Uma a uma estrelas amarelas  
Se apagam no longínquo do céu, coisa bela!  
Vi acordar folhas cinzas no galho das maçãs.

A videira deu cacho. Vi florir a flor do romã!  
Mas, eu, que me furto unir planos aos dela;  
Não encontro palavras a dizer das mazelas  
Que se abateu sobre uma sua grande fã...  
Ó bela noite estrelada. Ó noite enluarada  
Que me põe saudosa, geralmente tristonha.  
Que me põe com um pé pisando a estrada...  
Vícios d'alguém que perdeu-se, enamorada.

Maus hábitos de pessoa que ainda sonha  
Aderir você àquela paixão louca, desenfreada.

Data : 01/01/2014

Título : Andantes

Categoria: Poesia

Descrição: Que o diga quem nunca se cansou/ De tudo...

Que o diga aquele que nunca se cansou

De tudo

De nada

De estar na cama ou fugir dela

De andar por trilhas

Ou cair na estrada...

Cansar-se em andar cansado

De cavar futuros

E enterrar passados...

Quem nunca se cansou da lida,

Ler a vida em seus engôdos

Quem nunca se pensou alado?

Um Zeus num céu furtado?

Que o digam os andantes todos.

Que o digam os viventes todos.

Data : 01/01/2014

Título : Anjo Perverso

Categoria: Sonetos

Descrição: No abandono exibo um triste hino à paredes; Aprisionei-me, consciente, talvez, dentre elas;...

No abandono, exibo um triste hino às paredes.  
Aprisionei me, consciente, talvez, dentre elas...  
Onde os quereres de mim repousam em redes;  
Onde debruo alguns sonhos por sobre mazelas.

Disseste-me, exultante, n'algum tempo atrás:  
Em meio a tantas, vejo te como a mais bela;  
Lorotas, anjo! Alvorço que o tempo desfaz...  
Pois que, perverso afanou-me chão e janelas.

Porém, acredita-me: não desencantei o porvir;  
Algo diz siga, busca o que te agrada, és capaz.  
Boas novas hão de cercar lhe, e, ver-te a sorrir...

Pois que vontades, detêm-me. E isso basta, refaz.  
Ademais para sempre se fora, ora! melhor admitir;  
Ignorar-te-ei (de nós) o dobro. E ser-te-ei, jamais!

Data : 15/03/2017

Título : Aos Anjos Da Longa Estrada...

Categoria: Sonetos

Descrição: Felicidade, dizem, é coisa bendita...

Felicidade, dizem, é coisa bendita...  
Vários são os que apenas nela acredita!  
Mas a criatura vive de ser manipulada:  
Felicidade parece, sim, coisa inventada!  
Compramos panos e enviamos flores;  
Mas fica o dano, enfim, grandes dores...  
Felicidade parece, sim, coisa inventada:  
Você sonha co'a dita, mas, qual nada!  
Ah, você felicidade. Não és coisa santa!  
Ao tocarmos o focinho delicado, dela,  
Aí é que a cuja contra vós se levanta!  
E os risos e os loros se vão pela janela..  
E frases e sons ficam presos à garganta.  
E eu? Bom, fico a adivinhar, o que é ela?!

Data : 13/05/2014

Título : Àquele Que Nunca Tive...

Categoria: Sonetos

Descrição: Uma voz denuncia: diz que eras da Era de Aquário. Uma voz rouca, intrometida, vinda do meu imaginário..

A voz denuncia: diz que eras da era de Aquário.  
Uma voz rouca, intrometida, vinda do imaginário,  
Adivinho. De quando estranho e lento me vinhas;  
la-se ao meu encontro – e se ria! Também o mar,

Comigo bulia. Á praia, me exponho, a'Alma minha

Ali debruçada (recomposta), convicta a esperar..  
Feito tormenta alagas rochas sob Luas de Áries:  
Uma flecha vaza o cínico lusco fusco dos ares...

Vindo a talhar bustos os sulcos por ela abertos;  
Lesando o trono de quem não se via por perto.  
Espaço de quem viria inteiro, absoluto, disposto;

Às veredas do Amar... Espaço que, por ser Livre,  
Vive-me eternizado em moldes de estranho rosto:  
Glamorosa face do bem querer que ainda não tive!

Data : 01/01/2011

Título : Arte De Anjos

Categoria: Poesia

Descrição: Adormecia os meus sonhos quando, assim, de súbito, asas de anjos...

Adormecia os meus sonhos  
Quando, assim, de súbito, asas  
De anjos  
Roubaram-me os sonhos  
Com suas galhofas e seus farfalhares.

Ah, anjos peraltas!  
Algumas dezenas deles  
- pareciam ser milhares -

Revoavam dimensões altas, mas tão altas  
Meio a um breu fugidio

Longe dos luares...

Que sequer consegui apanhar de volta  
Vultosos desejos meus, por lá espalhados,  
Nos ares.

Data : 12/06/2014

Título : Às Fadas

Categoria: Poesia

Descrição: Aí me confundo: penso. Argumento. De fato,

Aí, me confundo,  
Penso.  
Argumento.  
De fato,  
Não sou de todo mundo,  
O mundo.  
Apenas canto os meus versos  
Com os quais  
Não tão solene  
Converso.  
Dou me inteira  
Ao que trouxe comigo.  
Meu segredo?  
Se houver,  
Sequer aos deuses  
Confesso:

E, assim, como num conto,



Meramente prossigo.

Data : 20/11/2013

Título : Às Jovens Manhãs

Categoria: Poesia

Descrição: Quando, exausto, na mais houver/ a se fazer, dizer ou mesmo, ouvir...

Quando, exaustos, nada mais  
Houver a dizer-se, enfim..  
Ou ainda nada se tenha a ouvir.  
Quando tudo à sua volta  
Lhe causar insidiosa impressão  
De que hora ou outra algo possa  
Vir a ceder, quem sabe mesmo ruir!  
Refrigera esse teu pensar:  
Mire se no espelho da fiel alma  
Que, frustrada, um dia cedeu  
Aos encantos do que, sabia,  
Jamais seria propriamente seu;  
Pois que, devia, deixar lhe partir.  
Nutra-se, então, da loucura sã  
De que, sobriedade e vida  
São sentires frementes...  
Silentes figuras ao alcance lúgubre  
Do breu: o findar de cada tarde fugidia  
Que, calculista e no silêncio noturno,  
Gesta o eixo do carro de rolimã...  
Cegonha de ferro na velocidade dos dias

A brincar de alcançar boas novas  
No parto morno de cada nascida manhã!

Passo Fundo (20.11.13)

Data : 06/07/2015

Título : Auto Ajuda De Encontro Ao Melódico Cooperar

Categoria: Poesia

Descrição: Pois heis que o ocaso/ Naturalmente...

Pois heis que o ocaso,  
Naturalmente,  
Encontra o viril poente.

O horizonte, em cores,  
Tenta desenhar um fim...

E, ainda assim, a vida,  
Jamais irá encontrar-te  
Em harmonia com este fim.

Afinal,  
Qual morte é bem vinda?

Data : 24/05/2015

Título : Autoral

Categoria: Poesia

Descrição: Motivos? Só se forem os deles...

Sou menos audaciosa do que gostaria. Ainda assim, sou intensa. Tenho vida múltipla. Meio arredia algumas vezes, é certo! Mas, ao mesmo tempo converto-me em alegrias e reciprocidade. Benevolente, quando devo ser. Compreensiva. Marcas registradas. Ouço a músicas chatas (exceto ao porre do Amado Batista, óbvio) para melhor avaliar as que estão acima disso, em outro patamar. Vejo e ouço a jogos de futebol. Inclusive aos do time do Inter (maior rival do meu). Adoro Karatê - fiz dois anos, parei devido a um acidente: atingiu-me a rótula. Gosto muito da antiga Caloi, minha velha Bike. Ah, reciclando-me, no momento! O trânsito de veículo automotor supera-se em perigo, hoje. Gosto de ginga, capoeira. Suco natural. Revista Sabrina. Almanques. Praia e piscinas. Passeios ao ar livre. No entanto, falo sobre coisas sérias durante quase todo o tempo e por isso, penso, até me bordem como pessoa sisuda ou mesmo antipática, eventualmente - menos mal -, devido a essa seriedade que me acompanha. Herança de meu pai, o senhor Augusto.

Julgo-me pessoa normal, ainda que muitos me observem com alguma desconfiança. Pois é! Motivos? Só se forem os deles, porque, me olho no espelho sempre que necessário. Deixei de ser escrava dele para agradar aos outros. Descobri, finalmente, que o mais importante é mimar, reverenciar a mim mesma, acompanhar a Ciência o mais de perto possível, vigiar aos céus e crer nas forças do invisível. Pois que o visível nem sempre é o que aparenta ser: imaginemos uma coisa e se nos apresenta outra. Curioso é viver a autenticidade de uma ilha flutuante. Ela é o que sempre foi. Um pedaço de algum continente que se desprende e agora navega águas estranhas rumo ao desconhecido. De resto, o que sobra são apenas detalhes insignificantes de uma vida repleta de mesquinhas. Mas, creio, o tempo se encarregará de exterminar com estas também. Sou uma sortuda. E, apesar de; bastante FELIZ!

Data : 16/10/2012

Título : Ave Anjo!

Categoria: Poesia

Descrição: Peço a um anjo - cuidadoso anjo! Por mim orar, convencer A virar a página/Que não ousei ler...

Peço a um anjo - cuidadoso anjo!

Por mim orar, convencer  
A virar a página  
Que não ousei ler.  
Pois, que, ainda não a escrevi.

Àquela página que não ousei viver,  
Direi, tu me serás eterna lacuna  
Branca, a que nunca li  
Porque, desenhá-la, não me atrevi  
Voar alto, não me atrevi.

E então jamais saberei das ditas  
Aventuras tantas!  
Das cousas por mim não escritas  
Aventuras tantas!  
Promessas loucas, "santas"  
Que, afinal, não vivi.

De: Marlene Kremer

Data : 01/01/2011

Título : Batatinha Quando Nasce...

Categoria: Poesia

Descrição: suor folia e beijo/ ovo frito bacon e queijo/ uísque com guaraná/  
cerveja carne seca...

Suor folia e beijo  
Ovo frito bacon e queijo  
Uísque com guaraná  
Cerveja carne seca fubá  
Se em demasia

Até mesmo a inocente  
Bolacha Maria...

E lá vem o asfalto  
Minérios cadilac  
Pepita e basalto  
Passarela salto alto  
Esqueite ou prancha  
Barco ou lancha?  
Sol bronze  
Areia e mar  
Lua pra namorar...

Xi! condena-se quase tudo  
Pô! Que absurdo!  
Inclusive na hora de amar  
Não se deve bobear...

O que é que foi  
O que é que há?  
Quando não o açúcar  
Nos vem o sal  
Também vilão e faz mal.

Pergunto-lhe, então:  
Com o que brindo  
Eu, afinal?!

M. Hellen Loppez  
(pseudônimo)

Data : 22/12/2014

Título : Beija Flor

Categoria: Sonetos

Descrição: Quem melhor vê o mistério das flores/ Se não a natureza enfeitada de cores...

Quem melhor vê o mistério das flores  
Se não a natureza enfeitada de cores;  
Se não a amada em dia dos namorados  
Se não algum peito borbulhante de amor?

Ou então colibris. Bicos longos, esverdeados;  
Ou borboletas azuis; voando leves flor em flor.  
Quem, se não abelhas batizadas no pólen?  
Ah, insetos sedentos - que delas recorrem -

Selando virgens, quando do voo, cor em cor!  
Quem, sobre terra, negaria à alados ou afins,  
A cilada e o visco de que se puzessem assim?

Nos céus (sinistro), borda-se o riso d'um trovão  
Entoando hinos: sinergia dentre a fé e a benção  
A formar elos... Enquanto favos, abelhas, mirins.

(M. K.22/12/14)

Data : 09/06/2015

Título : Brisa

Categoria: Poesia

Descrição: Estarei a espera desse espetáculo.../ Parceria noturna.../  
reverenciando a paz!

Almas tendem a ficar leves;  
Leves qual plumas, flores de algodão  
É o que são!  
A provar do ar fresco da manhã:  
Alvorada a acariciar-te em horas calmas.  
Atiça ao instinto angelical, a brisa fria  
Da madrugada ainda alta.  
E a mão inquieta  
Faz a janela deslizar por sobre corrediças  
Enquanto, de soslaio,  
Os olhos  
Espiam a última nesga de luz  
Que o último quarto da lua cheia  
Deixou ao abandonar o céu da noite,  
Provisoriamente.  
Que volte a próxima fase da crescente.  
Estarei a espera desse espetáculo,  
Essa pareceria noturna,  
Longe dos palcos,  
Reverenciando  
A paz!

M. K.

Data : 01/01/2011

Título : Cantando Sertões

Categoria: Poesia

Descrição: Do sertanejo sou hoje tiete./ Cowboy cela e rodeio hoje sou fã/ Da mata, lendas do Curupira...

Do sertanejo sou hoje tiéte.  
Cowboy, cela e rodeio  
Me vejo uma grande fã;  
Das matas às lendas do Curupira  
No brejo, um coaxar de rãs...  
Na lomba densa um sítio caipira;  
Na despensa, tabuleiro manga e maçã.  
À chama acesa, diminuta pira,  
Noite alta e que logo expira,  
Apinham-se por lá, nora sogra e irmã.  
E vi goiabada agarrada ao taxo,  
Uva madura olhando o cacho  
Vinho tinto, vinhedo, avental [...]  
Pimenta dedo-de-moça e sal;  
Riso, prosa, canja e cachaça,  
O coche, o foice, o canavial...  
Sanga, taipa, pinguela e riacho  
Forasteiro à sombra da palhoça:  
Celeiro, colheita e mormaço...  
Boi que emprenha, ah! puxa carroça.  
Salve, salve! O bezerro nasceu macho.  
Eis a capela, reza, circo e palhaço:  
Um frei que um seu sorriso esboça;  
Uma fina chuva vinda do céu,  
E o frei um outro sorriso esboça...  
À moça que sonhara enfeitar o véu,  
À mão esquerda, aliança:  
Noivado, compadre, safra e festança.  
Nossa, quanta poesia há na roça.  
E quão valente se faz meu sertão.



Marlene Kremer (2011)

Data : 01/01/2013

Título : Cem Anos Ou Mais...

Categoria: Poesia

Descrição: Viver é difícil, eu sei! Mas gostaria de viver Alguns bons anos...

Viver é perigoso - eu sei!  
No entanto gostaria de viver  
Alguns bons anos a mais... não mais.

Viver é perigoso eles me disseram,  
Sei! Mas quem disse que eu quero:  
Não curto coletes à prova de balas.

Roleta russa não falha, falha?  
Já o tiro no escuro, este, sim!  
Busco por potes de ouro em valas...

Arrisco manter-me nas sombras;  
Quem sabe a imortalidade  
Dê algum crédito pra mim.

Cem  
Anos  
Ou... Não quero mais!  
Viver é uma quase proposta decente de paz.

Passo Fundo, RS 31/12/13 (01: 34 hs)

Data : 23/12/2017

Título : Chamado...

Categoria: Poesia

Descrição: Minha poesia já foi mais triste, Mas hoje o que nela existe...

Minha poesia já foi mais triste,  
Mas hoje o que nela existe  
É um chamado para que eu vá além...

Não peço jóias nem rosas,  
Quero um amor possível...  
Alguém a quem eu possa  
chamar - seguramente - meu bem

Data : 07/08/2013

Título : Chão De Sonhos

Categoria: Poesia

Descrição: Cantou alto o seu canto, sabiá laranjeira, À soleira que estendia-se a entrada do paiol...

Cantou alto o seu canto o sabiá laranjeira,  
À soleira que estendia-se a entrada do paiol  
Uma manhã inteira, floreou, sabiá laranjeira  
Predizia Primavera bordada de frutos e Sol!

Cambará verdinho, gentil, abriga cotovias,

Às vésperas exibicionista d'um breve arrebol  
Migrante franzina que veio buscar companhia,  
Onde redes e barqueiros pescam sem anzol...

Instigo conversa com deuses, peço por Santa Luzia,  
Me envia sua Proteção! que meus olhos castanhos  
Acostumados às belezas que a Natureza irradia...

Hão de ver mundos prósperos, ainda que estranhos:  
Não nos negue, oh deuses! a luz da Lua, seivas e dias  
Pois que à todos alumia a Vida, o chão dos sonhos!

M. K. Passo Fundo, RS

Data : 01/01/2013

Título : Cinismo

Categoria: Poesia

Descrição: Quando tudo se predizia/ Àquela altura da vida...

Quando se predizia,  
Seria tudo esquecido  
Àquela altura da vida,  
Quebrantada e sem magia;  
Num só fôlego,  
Tornei a subir a escadaria  
De acentuada descida...  
Não ao frenesi, ao dia a dia.  
Dar as costas aos desatinos,  
Sugeri!  
Sequer acenei à folia!

Seguia a vida.

Zoava ela em unísono  
Em cima do trio elétrico:  
Engolira mestre sala e bateria.  
Um giro no épico:  
"A cerveja está quente, menino!"  
Mas mal algum lhes fazia.

Cético, doei algum crédito  
A mim mesmo, claro.  
Encarnei uma fantasia:  
Fui pra o bloco, fui à rua.

Sem reclamar alegorias,  
Não hesitei: meio lerdo,  
Meio leso – fui às ruas!

E, na presença do ermo,  
Vesti minha própria farda  
De pobre homem enfermo:  
Ganha pequena chance  
A farsa alegre do triste!  
Pois que, neste ínfimo espaço,  
Nesta prosa, não há disfarces.  
Não existe o meio termo!

marlene kremer 03:50 hs 07. 04. 2013

Data : 11/07/2012

Título : Código

Categoria: Poesia

Descrição: Mil vidas houvesse para eu viver/ Mil vidas me teriam a enunciar...

Mil vidas houvesse para eu viver

Mil vidas me teriam a enunciar

Uma fórmula ainda secreta

Um tanto tímida,

Discreta, talvez,

Porém, leia-me, sensata!

Que se dita na hora exata

Revelar lhe ia (sem dizer)

O segredo

Os desejos,

As descobertas.

Do código

Às senhas secretas

Que já não mais o protegem

Deste meu inocente

Incomum

Infinito amor

Amor por você

Você...

E tão somente

Você!

M. H. Lopez

(autora: Marlene kremer)

Data : 06/09/2015

Título : Codinome, Paixão

Categoria: Poesia

Descrição: E se o sol não me aquecer; Me aquieto sob um cobertor...

E se o sol não me aquecer;  
Me aquieto sob um cobertor...  
Não há razão em morrer  
Por me ver sem o teu amor.

Lá atrás, n'outro dia, ainda,  
Furtei-me em lhe abraçar (...)  
Toda sorte é, porém, bem vinda,  
Desde que não mo prives t'amar!

Mesmo que dia vá, noite também,  
Não há pois, maior fuga, o viver...  
Se corro em buscar-te, meu bem,  
És de certo refúgio, ó seletor querer!

Não recuai. Buscai-me mui forte,  
Inda que te fugues esta tentação...  
Inda que esmoreça ao longo, a sorte,  
Sentirás bater, louco, um só coração.

M. K.

Data : 07/06/2015

Título : Comboio De Feras

Categoria: Poesia

Descrição: Me chamaram pra guerra, não fui...

Me chamaram pra guerra não fui.  
Houve guerrilhas, fugi.  
Ao combate das cruciais investidas verbais  
Compungida (ou sem graça), neguei-me.  
Cobiço então aliviar os anéis da desgraça,  
Abstraindo anúncios de globalização.  
Quando, relutante, fecho a porta  
Na cara do monstro capitalista.  
Vejo a lista...  
No entanto, a fumaça branca  
de Roma me chama a atenção.  
Corro pra'as ruas e investigo os ânimos:  
O Espírito Santo se derrama em misérias.  
E minha luta se faz digna de alguma pena:  
Às flores dou água.  
Aos fracos a mão.  
Às ervas daninhas, as amaço.  
De uma abelha, preservo lhe o ferrão.  
De longe avisto a um colega  
E aviso que o trem está vindo no horário:  
Envio à esposa sua, um abraço.  
Almoço.  
Sofro a morte do operário da construção.  
Também o assassinato do pequeno cão...  
À vizinha, redireciono os graus da parabólica.  
Mãe e irmão se derramam em queixas,  
E eu os ouço.  
Ontem obtive ângulos dos riscos do equilátero,  
Colocadas umas sobre outras, páginas soltas:  
Delas me saem uma escrita de cordel.  
O palhaço tentou risos e só costurou o rasgo da lona.

Dentro, gavetas transbordam com cheiro de tinta,  
E, papéis amassados formam quilômetros  
De informações e angustia.  
Meu caderno está cheio:  
Mostra-me uma língua estrangeira que quero viajar.

08 de Fevereiro de 2017

Data : 19/04/2015

Título : Como Se No Paraíso Fosse...

Categoria: Sonetos

Descrição: Embora definhasse, meio a dores incisivas;/ Limitei-me a ligar alertas...

Nebulosa manhã – sonhara. Acordo pensativa:  
Como sobrevivera, eu, à tão mal lograda sorte?  
A qual descrevo, linhas tortas - reais motivos -  
Embora definhasse, meio a dores incisivas?

Optei ligar alertas... Limitando-me ao ser vivo,  
Pois que, melhor ambientada, fluo: vejo suporte  
Junto ao magnetismo ilustrativo... dos céus!  
Amei, amei! Exageradamente amei: fui-me ao léu.

Ó, pena! O que ama, a si condena em segredo:  
Vai aquém das desventuras - nuas - dos véus.  
E sem ter como dizer te destes tantos medos;

Incorro em confiar lhe certos segredos, meus:  
Amar sem dramas a quem me amar, vier...



Inda que inexistia em mim, alma pudica de mulher!

Data : 30/03/2014

Título : Conselheiros

Categoria: Poesia

Descrição: Madruguei meus pés na estrada:/ Um ante outro, ouvi o som alto/  
Deles; batendo-os, firmes, no asfalto...

Madruguei meus pés na estrada.  
Um ante outro, ouvi o som alto  
Deles. Batendo-os, firmes, no asfalto,  
Carreguei-os para longe das calçadas.

Energizada,  
Eu hoje acordei o sol:  
Coloquei a noite para dormir, sossegada!  
Pondo-a de volta, em baixo do seu lençol.

E, cansada de enganar a sorte,  
Dei um chega pra lá nas 'todas' mazelas:  
Pedi, com cutela, um tempo pra morte  
Convencida de que, ouvira, nenhuma delas...

E por que iria eu querer lhes,  
Os maus conselheiros e desatinos?  
Melhor seria fingir não ver lhes;  
Que eu própria irei definir meus destinos.

Marlene Kremer

Data : 29/11/2015

Título : Conspiração

Categoria: Poesia

Descrição: Aprecio e observo de perto a este meu desassossego que se me devolve...

Aprecio e observo de perto  
A este meu desassossego  
Que se me devolve em farta solidão.  
Se mais e mais longe  
Faz-se algum seu arrego,  
Bem mais forte e valente  
Far-se-á o meu coração.  
O estar envolta, a sós  
Com meus frouxos pensamentos,  
É como doar luz  
A neutralidade d'alguns frágeis  
Sentimentos  
Que, uma vez evadidos  
De mim, far-se-ão imunes então,  
À uma qualquer outra súbita  
Dose de mega, super,  
Super descabida ilusão!

M. K.

Data : 21/04/2015

Título : Crônica - Aos Desavisados da Religiosidade

Categoria: Crônicas

Descrição: Há poucos minutos atrás, e, na voz de um religioso expressando-se ...

Há poucos minutos atrás, e, na voz de um religioso expressando-se em um programa transmitido por meio de rádio local, escutei: "você sabia que a paciência é ciência da paz?" Sabia, sim! Mas o que eu gostaria de frisar não é isso. O que na verdade eu quero saber - e já perguntando à alguns dos maldosos de plantão - é se eles gostariam de ter os seus diagnósticos [Rx(s) e etc.(e põe muitos etecéteras nisso)] de suas próstatas, ou mesmo as mamografias das suas esposas, irmãs, irmãos, mães ou namoradas, veiculados pela Internet?

Seguinte: se é assim, que "a paciência é a ciência da paz", então a família Lula Da Silva foi canonizada faz tempo. Logo-logo hei de bloquear todas as minha imagens e poemas no Facebook - basta que me sobre um tempinho para isso. Rede social uma óva! Socializar é aquilo que meu pai fazia antigamente quando, eu, criança, aos cinco ou seis anos de idade ainda, o via tocando violão para um grupo de tucos, enquanto ele, o senhor Augusto Kremer, exercia o cargo de Feitor, na então extinta RFFSA. Eu hem! Haja maldade pra combater maldades nesse mundão de meu Deus. Vê se me erra cabra! Encheu os canecos (\$)!

PS: 27/01/17 (preenchido os espaços de Teste: não publicar esse PS)

Data : 01/01/2009

Título : Das Dores

Categoria: Poesia

Descrição: À dor: Ampara delirante ânsia para que não reprise, algures, o vão lamento...

À dor:

"Afasta de mim este cálice de vinho tinto de sangue."

Ampara delirante ânsia para que não reprise, algures, o vão lamento.  
Pousai-me como analgésico por quando, ao fim, permanente via  
De gozos cumpra-se, com primor sábio, o recolhimento.  
E sob a herança de delicada cadeia membranosa - córtex humano -  
Alumia, sem ela, conhecimento.  
Pois que, nem dor, sequer nefasta peste ruidosa (mundana),  
Visualizarão quaisquer gemidos surdos, lançados ao breu!  
Frustrai, portanto, o posposto cambalear de ébrio errante  
– assombrosa morte!  
Os tais gemidos fúnebres, com o devido esvaecimento seu.  
Foram-me, estes, os que outrora cuidaram por embalar, cínica  
E friamente, macabro sofrimento meu.  
Desígnio ateu?  
Sombrio, e, ainda que imperceptível, indeléveis marcas, cicatrizes  
Mostram-me, qual estandarte das espadas postas,  
Que em um passado recente, o passamento doeu.  
Sigo, porém. Ainda que à sombra dos salmos, sigo!  
Vislumbro luzes, as do dia, enquanto que, sutis aromas noturnos  
Lembram me que, sim: vivo.  
Eu vivo!

Data : 24/04/2017

Título : De Prosa Em Prosa

Categoria: Sonetos

Descrição: Hoje passei graxa no meu coturno. Eles me levam aonde eu preciso ir..

Hoje passei graxa no meu coturno.

Eles me levam aonde eu preciso ir.

Sou leve, enfrento o dia, o noturo:  
Dou-me chances quando do ir e vir.  
Inteiras verdades, ou... in'té as meias,  
Reerguem mesmo o pedestal ao cair.  
Mentiras não se me fazem alheias:  
Reconheço-as nos que cultuam mentir.  
Me sobra pouco sabedoria ou dinheiro,  
Mas aprecio muito este nosso caminhar:  
O amor há de vir sempre por primeiro...  
Guerras vis ficam c'os que apregoam brigar.  
Demos armas aos que se preferem armeiros  
Ou troca-se o míssil por amar e mais amar?

Data : 01/01/2017

Título : Dedo do Medo II - Flechas

Categoria: Poesia

Descrição: Eu, final de março, Temporal em versos...

Dedo do Medo II  
Eu, final de março,  
Temporal em versos  
Penso desenhar um arco.  
Por flechas teria comigo  
...os olhos  
O plano -- acertar você?!  
Eis que se impôs o céu  
(bem rápido)!  
Riscou o escuro, um raio:  
Broxou-me o que me havia  
No mais fundo do querer.  
M. K.

Data : 16/10/2015

Título : Deixo-te Um Poema

Categoria: Poesia

Descrição: Me chamas pra uma conversa/ conversa do tipo bem séria..

Me chamas

Pra uma conversa

Do tipo bem seria;

E ficas a insistir

Que me amas.

Inteirada sobre a matéria,

Perspícaz, persuado

Sua ideia de cama:

Criatura, apazigue seu coração

Ora aflito!

Ainda que semelhante

A um galã, bonito,

Não deito fé

Em tua fama...

E pra não gerar

Desconforto,

Ou conflito...

Confio-te algo

Em que eu muito,

Muito acredito:

Deixo-te um

Poema.

E fica o dito pelo não dito:

Beijos!

Data : 09/09/2016

Título : Desatino

Categoria: Poesia

Descrição: (Retalhos D'um Soneto I) Chega-me, assim, jeito moleque, mansinho...

(Retalhos D'um Soneto I)

Chega-me assim, jeito moleque e mansinho.  
Ilude, trava... Faço tudo para me (lhe) impedir.  
Promessas juradas, permanecer aqui, sozinho.  
Mas ele (o amor) se mostra, depois recusa sair.

Uma dor fugidia, amarga, aperta os lábios...  
Uma lágrima teimosa cedeu, insistia em cair.  
Ah, coração! És o mais vulgar dos sábios...  
Quantas vezes não traia-me, lhe devo pedir?

Tudo bem você eu necessitar algum carinho,  
Então, como resistir entregar-se a esta droga,  
Não? Propaga igual veios d'água tal desatino.

Esta límpida fonte que, por vezes, afoga!  
Escoa qual rio na busca do mar, seu destino  
Feito oceano: gêmea alma com quem dialoga.

Data : 17/07/2012

Título : Descolorindo Flores

Categoria: Poesia

Descrição: Tua ausência, amado, tem efeito/ De frio/ Aqui em mim/...

Tua ausência, amado, tem efeito

De frio

Aqui, junto a mim

Um gelo glacial

Invadiu-me... Tormento arredio

Desigual

Afins errantes - sabias?

E por ser visto como desleal

O abandono

O mal que enviaste de si, a mim

Consumiu-me em noites sem sono.

Informal, preenche-me os dias vazios

Discreto amargor

Enquanto,

Sob o olhar curioso do outono,

Condenas bromélias – matizes do nosso jardim

A murchar muito antes da vinda dos frios

Morta a flor.

Arrepios.

Noites gélidas,

Amor,

Pedem algo mais que um modesto cobertor.

M. Hellen Lopez



Data : 08/06/2015

Título : Despedida

Categoria: Poesia

Descrição: Um dia, uma noite, uma pequena flor/ Floresceu em meio a tantas.../

Um dia, uma noite, uma flor  
Floresceu em meio a tantas.  
E o caminho todo, ao redor de si,  
Cantarela com andorinhas  
Pintassilgos, gralhas, caturritas,  
Sons imitando a Rita...  
A Lee, essa mesma, daqui  
Do Brasil;  
E o nome dessa princesa flor  
A que chamávamos pelo nome  
Lili - quando criança -  
Não desgastava se, assim,  
Como fazem  
Máquinas a desgastar peças,  
Estas de clarear os jeans...  
Ao contrário,  
Quanto mais o pronunciasse  
Mais fibras uniam os fios  
Do algodão como que formando  
Linhas delicadas...  
E entrelaçavam-se. O resultado  
Fora uma peça bela, rara, sem igual  
Transformada em um ser  
Mais que especial.  
Pois que já chegara a terra  
Com provável nome de anjo:

Um dos derivados santos de Maria  
Predestinada a espalhar certa alegria,  
Ainda que ínfima, onde passasse  
Nos lugares mais improváveis.  
Destacara-se de outrem.  
Mesmo que só, em ambiente  
Cercado por alamedas escuras,  
O seu brilho fazia-se notar.  
E, ao tocar lhes, as acendia...  
Mas houve um dia (sim, chegou o dia)  
Em que, desesperadamente,  
Precisou da despedida.  
O que fizera de forma doída,  
No entanto, natural,  
Abusando da palavra  
Adeus.  
Partiu e deixou uma só saudade.  
Saudade meiga  
Que atendia pelo doce nome  
Marli.

(M. K. 08/06/15)

Data : 01/01/2015

Título : Diga e Vai

Categoria: Poesia

Descrição: O som de suas palavras! Sim, dissei, e de novo...

Diga. Faça-me ouvir

O som de suas palavras

Sim, digei, e de novo...

E mais uma vez mais

Ouvir te hei como se fosses

Os sons divinais

Ecoando em meus ouvidos

Ante o despertar colorido

Das suaves manhãs as quais

Nunca esqueço!

E não esquecerei... Jamais!

Elas me fazem revolver passados

Que me dizem, "Amada", "Querida"!

Colidem, despretensiosamente,

Junto à vida

E aos tons das auroras boreais.

Ah, quanto sentir!

Quanto querer bem, meu bem.

Igual ao seu, outro amor,

Maior, não tem!

Foste único, bondoso que sois,

Aquele quem se dispôs

A ouvir, pacientemente, lá atrás,

Meus acabrunhados ais.

Não! Não vou pedir-lhe, volte,

Apenas deixa-me, e, forte...

Impregnado, este teu amor

Perfumado das promessas carnavais.

Agora já te podes ir.

Vai!

Data : 29/08/2012

Título : Diga e Vai!

Categoria: Poesia

Descrição: Diga. Faça-me ouvir O som de suas palavras! Sim, dissei, e de novo...

Diga. Faça-me ouvir

O som de suas palavras!

Sim, dissei, e de novo...

E mais uma vez mais

Ouvir-te-ei como se fosses

Os sons divinais

Ecoando em meus ouvidos

Ante o despertar colorido

Das suaves manhãs as quais

Nunca esqueço!

E não esqueceréi... Jamais!

Elas me fazem revolver passados

Que me dizem, "Amada", "Querida"!

Colidem, despretensiosamente,

Junto à vida

E tons das auroras boreais.

Ah, quanto sentir!

Quanto querer bem, meu bem.

Igual ao seu, outro amor,

Maior, não tem!

Foste único, bondoso que sois,

Aquele quem se dispôs

A ouvir, pacientemente, lá atrás,

Meus acabrunhados ais.

Não! Não vou pedir-lhe, volte,

Apenas deixa-me e, forte,

Impregnado este teu amor

Perfumado das promessas carnisais.

Agora já te podes ir... vai!

(

autora: marlene kremer)

29/08/12

Data : 01/01/2014

Título : Dilemas

Categoria: Poesia

Descrição: O que seria a fonte não caso houvesse a água... O que seria o problema não houvesse solução

O que seria a fonte caso não houvesse a água  
O que seria o problema não houvesse solução  
O que seria o consolar não houvessem mágoas  
O que seria o homem não despertasse emoção...

Deixa-me provocar te a sede antes que seque a fonte  
Deixa-me ser misericórdia ante quaisquer problemas  
Tolera-me o causar das mágoas arraigadas no ontem  
Faz me única, a namorada eterna, fenecerão dilemas.

Data : 01/01/2017

Título : Disse Que Choraria Comigo

Categoria: Poesia

Descrição: Dissestes que chorarias comigo E ofereceu-me o ombro, até...

Dissestes que chorarias comigo,  
Ofereceu-me o seu ombro, até.  
Dissestes que chorarias comigo,  
E não era um ombro qualquer...  
Era o ombro amigo do amigo  
Que viera a mim, e, mirava a mulher.

Disse-lhe eu que andava ocupada;  
Que o trajeto meu é dura caminhada  
Que ficássemos bem, mas a sós.

Que ventos, outros, soprariam até nós.  
Em nome do contentamento... E também a favor.  
Juntos iríamos alegrias perdidas repor...  
Contrariando fatos, pois que amizade é amizade,  
E, ainda que confusa, soma-se à felicidade:

Ser-se amigo, é ter-se o dobro a repor...  
Como se dose dupla.  
Dupla dose de amor!

Data : 23/03/2014

Título : Dizer Que...

Categoria: Poesia

Descrição: Tira me o poder da palavra/ Livre,/ Aqui, ora declamada...

Tira-me o poder da palavra  
Livre,  
Aqui, ora declamada.  
Dos tantos e tantos versos  
E verbos...  
Breves, soltos,  
Estando eu deles enamorada;  
Ah! Duma só vez perco eu o brilho  
Digo lhe, tudo ao meu redor,  
Entristece!  
Então, precocemente,  
Emudeço  
Os sons:  
Minguo em brios.  
Por conta d'um coração



Assim, vadio,  
Ermo e saudoso...  
Que, rudemente,  
De mim,  
Vai-se e esquece.

Data : 01/01/2012

Título : Do Desejo

Categoria: Poesia

Descrição: Me chama de volta/ Se, ou enquanto/ À sua volta/ Chamas...

Me chama de volta  
Se, ou enquanto,  
À sua volta  
Chamas  
Finjam ser cinzas...

Pira adormecida:

Desejos

Dormentes

Sobre brasas!

Data : 01/01/2017

Título : Do Divino ao Lodo

Categoria: Poesia

Descrição: O homem que se sonha eterno é o mesmo Que vive de intoxicar-se...

Do Divino ao Lodo

No templo das liberdades  
mora um sonhador  
que nunca pensa a singeleza  
como instrumento de libertação  
(...)

O homem que se sonha eterno,  
é o mesmo que vive  
de intoxicar-se com as tintas  
que produzem o euro, o dólar,  
a merreca do vintém e a ilusão.

Data : 29/11/2015

Título : Do Silêncio (soneto XII)

Categoria: Poesia

Descrição: Um canto triste balsamou a alma do triste; Um som do além, vibrou em seu socorro...

Do silêncio (soneto XII)

Um canto triste balsamou a alma do triste.  
Um som do além vibrou em seu socorro.  
Ouço mim alma - por tudo o que ela resiste  
Devorando silêncios, sei lá se paro ou corro.  
A morte não assusta apenas porque existe.  
A morte não perdoa bactéria ou cachorro...

A morte persegue (e muito), muito insiste...  
A vida a cada instante fala que nele morro.  
Demos as mãos ao que nos poderá salvar...  
Apreciemos o fato de que vale o por dentro.  
Precisamos do irmão, da terra, do ar.  
Canto alegre e tudo o mais – incluso, lamentos.  
Divida comigo dores de quem se perdeu do amar:  
Seu, nosso apelo somará aplacando sofrimentos.  
M. K.(Dez 2016)

Data : 01/01/2013

Título : Encanta-me

Categoria: Poesia

Descrição: Traz me de volta o brilho daquela boca rosa. Devolvi o dom do canto, do verso, da prosa...

Traga-me de volta o brilho daquela boca rosa  
Devolvi o dom do canto, do verso, da prosa;  
Quero cores vivas que agraciavam aos olhos,  
Passeando os jardins, negaceando espólios...

Ninguém além de vós exerceria em mim tal poder,  
Negaça: ledo engodo - nobre causa. Sobreviver!  
Fazei de conta, amor meu, houve anel e noivado:  
Stop. Pare o tempo! Agora o tenho, aqui, do lado.

Meu coração brinca feliz.

Encanta-me!

Passo Fundo, RS - 06/11/13 - 00:16hs

Data : 09/09/2016

Título : Endereçamento

Categoria: Poesia

Descrição: Quando canto os teus poemas; Tentadora brisa vem brindar...

Endereçamento

Quando canto os teus poemas,  
Tentadora brisa vem brindar...  
É uma outra noite que s'aproxima...  
E vem com o aviso, repousar.  
Os sons das mornas conversas,  
Então coube ao poeta escrevinhar;  
Memórias, têm grandes pressas...  
Já o bumbo bobo, ele as quer ninar.  
Ó breve toque em seu toque sonoro:  
Responde sincero ao meu coração?!  
Traz-me depressa a quem mais adoro...  
Corre, corre! Vai que lhe fugue a tentação!  
Pra quê endereço se sabe onde eu moro?  
Pois bem: quinta avenida, bairro estação.

Data : 17/05/2015

Título : Eu e o Poeta

Categoria: Sonetos

Descrição: Vem Mario Quintana, e sai a cata deste versos:/ Moça, fui estandarte mas não vastos universos...

Redigira um poema conjugado ao esplendor;  
Ele todo a vangloriar se, e dizer se furta cor!  
Distribuíra afeto aos quatro pontos cardeais:  
Ficastes sem meus versos? Ó, nunca mais!

Vem Mario Quintana e sai a cata destes versos:  
Moça, fui estandarte, mas não vastos universos:  
Como quereis, vós, os encontre na vastidão?  
Jurastes neles amor, não? Iludes a um coração.

Indolência ao sentimento é jogo bastante hostil;  
Gera remorso e saudades do seletto ao imbecil.  
E como encontrar palavras se te falha a razão?

Veste se de glórias o que, aí, não se diz varonil.  
Mas eis que pipoca à mesa, cartas de indecisão:  
Xadrezes da vida, hoje, mesclam se a outros tons.

"Todos esses que aí estão,  
Atravancando o meu caminho  
Eles, passarão...  
Eu, passarinho."

Poeminha do Contra - Mario Quintana

Data : 01/01/2009

Título : Faces De Mim

Categoria: Poesia

Descrição: Eis me aqui, Senhor, como fiel obra sua/ E grata por mais um dia..

Obrigada Senhor, eis me aqui!  
Eis me aqui como fiel obra sua  
Grata por mais dia.  
Oh não Virgem Maria, sou ave!  
Ave?! Ave (à)penas: alguém que voa.

Ave sim. Talvez, pássaro livre.  
Fantasia.  
Alma que migrou do alto:  
Rebelião.  
Um cárcere sem chaves,  
Fuga em andamento no asfalto:  
Confusão.  
Absoluta, ousada, se de pouca sorte;  
Ao longo d'uma luta sem entraves...  
Pessoa melhor, um dia. Quem sabe  
Ante a morte?  
Pecaminosa,  
Religiosa em horas graves.  
Ateia e ateu!  
O que benze a pia que o benzeu.  
Monja erudita.  
O roxo do arrocho ante necropsias,  
Escravos na própria anatomia.  
Figura tosca, maldita.  
Figura bonita!  
O vermelho carmim na boca da guria.

[o avesso do avesso,  
verdades e inverdades]

E das coisas todas da vida, Vida  
Algo ocorre mais ou menos assim.  
Sei, não és a justa - nem Judas -  
Apenas a fiel realidade de mim.

P. F. (2009)

Data : 01/01/2013

Título : Febril Poema De Amor

Categoria: Poesia

Descrição: Compor, quisera eu, um dia/ Poesia que não rimasse com dor/  
Nasciam me versos feitos...

Compor, quisera, eu, um dia,

Poesia que não rimasse com dor

Nasciam me versos feitos,

Suposto efeito dos males do amor.

Quis, então, fazer novos testes

Colocar me à novas provas;

Deu se que, tal feito, embora simples

Como toda a crua simples trova,

Surtira à miúde, sutil proveito...

E 'inda que não fosse curador

Me veio com docicado efeito

Estilo serenata, estilo arrefecedor!

Mas ante feitiço ou enredo, qual jeito?

Atentei provar lhe uma vez mais, o sabor.

Contagiam os febris poemas de amor!

De: marlene kremer

Data : 31/03/2015

Título : Felina

Categoria: Sonetos

Descrição: Sê você nota confusa, sem rima ou entusiasmo; Sê você, retrato inacabado...



Sê você nota confusa, sem rimas ou entusiasmo;  
Sê você tela inacabada e que, à vida, negou se:  
Vai-te! ilustra caminhos ao longo d'sse marasmo;  
Põe alma aos pés errantes: se urna ou se coche?

Nego-te enfim um regalo co'as falas mais doces.  
Comento ditos torpes... De si, comigo mesmo;  
No vai vai de instantes, até deixei que fosses;  
Pois que, refém do nada, lhe vi fiel ao esmo.

Livre, estás! (um cio ululante, e, a fera é presa).  
Pobre ilusão dos olhos vendados: tão pasmos!  
Jogo me desta montanha? Oh, não, vil sutileza!

Cambaleante a sorte, o riso frouxo, sondou espasmos.  
Remais contra marés? Mas eis que é sábia a natureza:  
Trouxe a vida como ofício, seu ofício em doar orgasmos.

Data : 29/07/2008

Título : Filhos

Categoria: Poesia

Descrição: Hoje, um corpo esguio, definido, descansa em um leito maior...

Hoje, um corpo esguio, definido,  
Descansa em um leito maior...

E enquanto isto, lá em cima, no sótão;  
Um antigo berço rendado repousa.  
Brinquedos foram descartados,  
E, a velha mochila da escola;  
Esquecida ao lado da lousa.  
Meu filho cresceu, nos seus olhos eu vi.  
Os pés que antes corriam desordenados,  
Agora, novos horizontes irão perseguir.  
Passo largo, mãos à beira,  
Fazem-no parecer seguro de si...  
A audácia anuncia um novo perfil:  
O menino, cresceu...  
O futuro tem pressa, tem hora marcada.  
Futuros têm datas precisas:  
O presente, nem tanto...  
O presente, é meu!

Passo Fundo, 31/07/08

Data : 09/09/2016

Título : Flores Mortas

Categoria: Poesia

Descrição: Flores de plástico não coram ao sol... Flor que a flores imita, revela clausura...

Flores de plástico não coram ao sol...

Flor que a flores imita, revela clausura:  
Solidão ao pé descalço da sepultura.  
Vaso e barro a pôr-se à vista no arrebol.

Flores de plástico não ardem por água...  
Mas vivem ao alcance de toda viva mão.  
Colocam se aos pés de ausências, ilusão:  
Hidratar de faces onde a lágrima deságua.

Data : 30/10/2015

Título : Flores...

Categoria: Poesia

Descrição: Flor que à flores imita, revela clausura...

Flores de plástico não coram ao sol...  
Flor que à flores imita, revela clausura;  
Solidão ao pé descalço da sepultura:  
Vaso e barro a pôr se à vista ao arrebol.

Flores de plástico não ardem por água;  
Mas vivem ao alcance de toda viva mão.  
Colocam se ao dispor de ausências, solidão:  
Hidratar de faces onde só a lágrima deságua...

M. K.

Data : 10/10/2013

Título : Fluidos...

Categoria: Poesia

Descrição: Olá! Apresento-lhes mais afundo/ imbatível senhor... o Tempo!/ o que se diz dono do mundo...

Olá, sonhadores!  
Apresento-lhes, aqui, este outro  
Imbatível senhor, o Tempo!  
O que se diz dono de tudo, de todos.  
Que, impiedoso, vive a nos controlar.  
Incluso, está, uma generosa senhora  
- sua genitora - dona Gaia!  
E ainda que alucinante viver,  
O desvairo fez-se minha praia.  
Já ao absoluto Senhor, a ele,  
Envio-lhe o meu descaso...  
Ocasionalmente, as minhas vais.  
Pois que tenho meu próprio tempo.  
Faz uso de cifras, memórias,  
Veste saias.  
Compra cremes a base de retinol  
E tem nome e sobrenome:  
Tempo passado!  
Briga com noites insones,  
E estresses alienígenas: é a lida!  
Idas e vindas, no propagar do Sol.  
Ao Fado do tempo lhes apresento  
Contornos acompanhados do bisturi,  
Próteses de silicone, tónus (à vista),  
O que inclui um genuíno Pitangui.  
Xi! São tantos os protagonistas!  
Afora isso – acrescento: o tempo  
É quem responde questionamentos  
Pois, se há algo que aprendi,

Das coisas tantas, esta uma:  
O senhor Tempo, ele se apruma,  
Veste-se de Realidade.  
É cruel – machuca: é bem verdade!  
Mas cura dores que por certo nos traz.  
Ah, senhores!  
Querem saber do que mais?  
Estou vacinada no quesito infame.  
O restante? Vírgula! Que se dane!  
Já o porvir, não obstante, tanto faz!

Data : 15/06/2013

Título : Fogueira

Categoria: Poesia

Descrição: o que for realmente seu, meu bem

O que for realmente  
Seu, meu bem!  
Nunca se vai  
Antes vem,  
Fica consigo...

Afasta pesadas nuvens,  
Tempestades,  
Todo e qualquer perigo  
Fica consigo.

A fim  
De dar-lhe refúgio,  
Seguro abrigo

Abolindo cárceres  
Negaça, subterfúgios...

(juras aquecidas na mentira).

O que for  
Pra ser  
Tão somente seu,  
Sonhador,  
Ninguém lhe tira.

Sonha-me!

Data : 09/04/2017

Título : Fora Da Caixa

Categoria: Crônicas

Descrição: Convém pensarmos: inclusive meninas boazinhas nem sempre praticam o bem pensando no bem do outro...

Convém pensarmos: inclusive meninas boazinhas nem sempre praticam o bem pensando no bem do outro. De todos os outros. Em geral fazemos o bem pensando no retorno, como se um ato de retribuição ao ato praticado nalgum dado momento da vida. Enquanto banca-se a queridinha, pouca ou nada se faz em prol de evitarmos que vidas apodreçam em ambientes de guerras químicas espalhadas pelo planeta à fora. E mesmo quando infestadas por bombardeios de mísseis, também somos, lá no fundo, todos um pouco responsáveis por elas.

O consumismo em excesso e as extravagâncias que nos demos ao luxo de praticar; é sub produto das discórdias e produz guerra, circunstancialmente, nos quatro cantos do mundo. Pensemos nisso em datas como a Páscoa, o Dia das Mães, o Dia da Criança, o Natal. Enfim, em todas as datas constantes no calendário anual. O melhor presente vem do coração, embalado pela alma. Também do desejo contínuo em estarmos junto aos nossos, todos os dias de nossa existência. Alguém já disse: “não devemos desistir do humano. Ele é tudo

o que temos.” Ao desistimos de olhar a vida com olhos de águia e delicadezas de beija flor, perdemos muito da capacidade de sermos empáticos. E assim voltamo-nos aos hábitos do velho camaleão, que transfigura se à medida que o perigo aproxima-se de si.

Torno a bater na mesma tecla: tão somente a grandeza da empatia é capaz de trabalhar ao remontado delírio de nossa latente fraqueza animal.

Data : 26/05/2015

Título : Frases

Categoria: Pensamentos

Descrição: O simplificar exposto com clareza, atrairá melhores fluidos em torno de si e de todos.

Justiça real não existe. É como uma queda de braço; vencerá sempre o mais preparado para o desafio. Até então nenhuma novidade. E mais, se fores esperar pela justiça dos homens, somente, não havereis chegado sequer a porta dos fundos em se passando pelo quintal da necessidade.

Justo é o que pratica justiça em nome de terceiros sem objetivar vingança, lucro ou recompensa.

Marlene Kremer

Data : 09/07/2016

Título : Frio de Pele e Ossos (haikai)

Categoria: Haicais

Descrição: Parar a chuva...

Frio de Pele e Ossos (haikai)

Parar a chuva

Não dá: sabe-se, porém,

Há sol lado de lá.

M. K.

Data : 01/01/2012

Título : Geografia

Categoria: Poesia

Descrição: Sinto em mim o toque/ das tuas mãos macias/ num passeio livre/  
por minhas costas nuas...

Sinto em mim o toque  
Das tuas mãos macias  
Num passeio livre  
Por minhas costas nuas  
Qual folhas do plátano  
A avaliar o bruto do chão  
Donde douras se deitam;  
Por ruas e mais ruas,  
Sob os escuros olhos  
Atentos da noite crua  
Que a nós dois espia:  
Breve. Um tímido espreitar  
Intruso, à luz erma da lua;  
Das tantas e tantas fases  
Em datas de estrelas frias...  
Mas eis que me ponho  
Pronta, ali, do seu lado,  
Inerte a te observar...  
Enquanto - sei - aceso,  
Estudas minha confusa  
Geografia



Que expõe-me a intenção  
Prévia, diletta... de amar.

O forno está quente.  
E, aquecido, vejo servido o nosso jantar!

Data : 14/09/2014

Título : haicai à vida

Categoria: Haicais

Descrição: A vida, esse estado aflitivo...

haicai à vida  
a vida, esse estado aflitivo,  
acaba a qualquer momento  
...por qualquer motivo...

(Set, 2014)

Data : 01/01/2012

Título : Haicai Às Honrarias Poéticas

Categoria: Haicais

Descrição: Se vivo não o ignore...

Hicai Às Honrarias Poéticas

Chore, se morto,

Se vivo não o ignore:  
Sobrevivo só.

(homenagem aos grandes poetas, a exemplo destes, Castro Alves)

Data : 26/04/2017

Título : Haicai Da Enchente

Categoria: Haicais

Descrição: Ó quando ventas...

Ó quando ventas  
em dores de tormenta:  
derrama-se o rio...

Data : 29/06/2016

Título : Haicai da Lambança

Categoria: Haicais

Descrição: A palma, coça...

Haicai da Lambança  
A palma coça  
Por-se dedo em riste  
Afronta a troça...

Data : 01/01/2017

Título : Haicai da Lua Cheia

Categoria: Haicais

Descrição: Hoje é cheia. Se deita na areia...

Hoje é cheia

Se deita n'areia em debruns

De luar...

Data : 01/01/2014

Título : Haicai da Lua Nova

Categoria: Haicais

Descrição: Ela pontua Vírgula inversa...

Haicai da lua nova

Ela pontua

vírgula inversa nos céus,

proseia c'os deuses...

Data : 01/01/2012

Título : Haicai das Sinuosas

Categoria: Haicais

Descrição: Chuvas e águas turvas...

## HAICAI DAS SINUOSAS

Bolhas da chuva,  
Cobras, e águas turvas  
Andam em curvas.

M K 02/09/12

Data : 05/05/2017

Título : Haicai Do Amor

Categoria: Haicais

Descrição: Do alto o sol se exhibe...

Do alto o sol  
se exhibe enquanto por você  
eu perco o chão...

Data : 02/04/2017

Título : Haicai do Arrebol

Categoria: Haicais

Descrição: Todo sol morre ao cair das tardes...

Todo sol morre  
Ao cair das tardes pra fingir

Renascimento...

Data : 24/03/2017

Título : Haicai do Outono

Categoria: Haicais

Descrição: Ah, outono dourado onde vergam os verdes...

Ah, outono  
dourado a vergar os verdes  
que caem ao chão!

Data : 18/05/2014

Título : Haicai Espumas do Mar

Categoria: Haicais

Descrição: Cais e brumas Mar a volver...

Haicai espumas do mar  
Cais e brumas  
mar a volver espumas  
mareia ó mar...

(mareia)!

Data : 29/06/2019

Título : Haikai do Sopro da Vida

Categoria: Haicais

Descrição: Enquanto durmo..

Haikai do Sopro da Vida

Enquanto durmo

Ventos passam por frestas

Vieses, florestas...

Data : 01/01/2011

Título : Indiferença

Categoria: Poesia

Descrição: Que vento te trouxe? Qual rima, qual doce?

Que vento te trouxe?

Qual vela, qual doce?

o rio que a adoça

o fel da mordança

me põe a falar

em nome da moça

dos menino do lar

que vento te trouxe

hoje ainda alembro

como se ontem fosse

o estrago o escombro

a ferida no ombro

utopias a reerguer  
ao mês de setembro  
não cabe o morrer  
se bem lembro  
a água do mar  
o rio é que adoça  
o fel da mordança  
te põe a falar...  
mas que vento te trouxe  
que agito que força  
que mundo constrói  
a palavra que doe  
sem mesmo falar?

Data : 06/09/2015

Título : Indiferença

Categoria: Poesia

Descrição: Que vento te trouxe qual vela? qual doce?

Indiferença

que vento te trouxe?  
qual vela, qual doce?  
o rio que a adoça  
o fel da mordança  
me põe a falar  
em nome da moça  
dos menino do lar  
que vento te trouxe  
hoje ainda alembro  
como se ontem fosse  
o estrago o escombro

a ferida no ombro  
utopias a reerguer  
ao mês de setembro  
não cabe o morrer  
se bem lembro  
a água do mar  
o rio é que adoça  
o fel da mordança  
te põe a falar...  
mas que vento te trouxe  
que agito que força  
que mundo constrói  
a palavra que doe  
sem mesmo falar?

Fevereiro de 2017

Data : 11/01/2013

Título : Infinito

Categoria: Poesia

Descrição: Mil vidas houvesse para viver/ Mil vidas me teriam a enunciar..

Mil vidas houvesse para eu viver,  
Mil vidas me teriam a enunciar  
O meu imenso querer.  
E por brancas e suficientes linhas  
- numa medida certa -  
Contar-te-ia, amado,  
Das fórmulas ainda secretas...  
Segrêdos meus  
Minhas "infames" descobertas



Como sendo elas o pecado  
Correto:  
Tática meio incerta  
De assim poder dizer  
Deste meu pouco comum,  
Inocente,  
E infinito amor cuidado  
Pra você,  
Meu alucinante bem querer!

M. Hellen Lopez

Data : 01/01/2012

Título : Influência...

Categoria: Poesia

Descrição: Se como o sol/ que devolve à noite/ simbólicos/ disfarces de breu..

Sê como o sol  
Que devolve à noite  
Simbólicos  
Disfarces cifrados no breu  
Sem vendar, friamente,  
Os melancólicos  
Olhos do céu  
Insinuando se às nuvens  
E lobos noturnos  
A fim de induzir lhes  
Fugir às armadilhas  
Que já não mais

Se pode desarmar:  
Sendo, o alvo,  
Amado ou não...

Talvez o queiramos  
Proteger  
...cuidar...  
Independente o coração.

Sê como o vão  
Do infinito  
Que faz uso d'uma fresta,  
Como segunda intenção -  
Ao influenciar  
A lua  
A cativar  
Poetas, musas, deuses e pétalas  
Usando da fusão  
D'alguns temas em pequenas  
Doses de luar...

E ainda que um novo dia  
Teime, amanhecer,  
Desdenhosa  
Finge ela, a lua,  
Desconhecer  
O repetitivo ciclo  
Das feras esfomeadas  
Desejosas  
De alimentos,  
Que não somente o pão;  
Pois que hão de nutrir  
A fome do amor, ao amar!  
[amar e mais amar]

E, sem jamais o desdenhar,  
Convicta, convoco-o:  
Sê bem vindo, amor!  
Entra, por favor,  
E que me venhas pra ficar!

M. K. Passo Fundo (01.01.12)

Data : 05/10/2013

Título : Influências

Categoria: Poesia

Descrição: sê como o sol/ que devolve à noite/ simbólicos/ disfarces cifrados no breu...

Sê como o sol  
Que devolve à noite  
Simbólicos  
Disfarces cifrados no breu  
Sem vendar, friamente,  
Os melancólicos  
Olhos do céu  
Insinuando se às nuvens  
E lobos noturnos  
A fim de induzir lhes  
Fugir às armadilhas  
Que já não mais  
Se pode desarmar:  
Sendo, o alvo,  
Amado ou não...

Talvez o queiramos  
Proteger  
... cuidar ...  
Independe o coração.

Sê como o vão  
Do infinito  
Que faz uso d'uma fresta,  
Uma segunda intenção  
Ao influenciar  
A lua  
A cativar  
Poetas, musas, deuses e pétalas  
Usando da fusão  
D'alguns temas em pequenas  
Doses de luar...

E ainda que um novo dia  
Teime, amanhecer,  
Desdenhosa  
Finge ela, a lua,  
Desconhecer  
O repetitivo ciclo  
Das feras esfomeadas  
Desejosas  
De alimentos,  
Que não somente o pão...  
Pois que hão de nutrir  
Se na fome do amor,  
Ao amar  
[amar e mais amar].

E, sem jamais o desdenhar,  
Convicta, convoco-o:

Sê bem vindo, amor!  
Entra, por favor,  
E que me venhas pra ficar!

M. K. Passo Fundo (01.01.12)

Data : 01/01/2002

Título : Inocência

Categoria: Poesia

Descrição: Por que amor, diga-me: por que será? Por que só o teu sorriso me acalma...

Por que amor meu, diga me:  
Por que será?  
Por que só o teu sorriso me aclama,  
E é a tua vóz que me socorre  
A alma  
Toda vez que eu de ti precisar?  
Deve haver um porquê.  
Ou não há?!  
Não seria, então, você  
O anjo  
Que um dia, inocente, desceria  
Á terra  
Vindo tão somente pra me salvar?  
(Deve haver um porquê.

Ou não há?)  
Mas isso tudo amor meu,  
Eu entendo  
Penso que compreendo:  
Os rumores  
Do tempo nos dirá.

Data : 09/09/2016

Título : Inocente

Categoria: Poesia

Descrição: Mil vidas houvesse pra eu viver Mil vidas me teriam a enunciar...

Mil vidas houvesse para eu viver  
Mil vidas me teriam a enunciar  
O meu silente querer  
E, por brancas e poucas linhas,  
E na medida certa  
Contar-te-ia, amado, da fórmula  
Ainda secreta  
Como sendo esta a prova  
Única e correta  
De por elas lhe contar, dizer  
Deste meu pouco comum  
Inocente  
Infinito  
Amor por você  
E tão somente  
Você  
Amor meu!

Data : 09/09/2016

Título : Irmãos: Inteiras Metades

Categoria: Poesia

Descrição: Amor de sangue Amor profundo...

Amor de sangue  
Amor profundo  
Infinito para além dos mundos  
Amor sem limites  
De se amar sem medidas  
O acaso de amar  
Até o último instante de vida  
E seguir amando  
(para além dos mundos)  
Porque um dia forças  
(aquém)  
De nós se irão também.  
Sigamos vigiando o amor,  
O amor (nosso)  
Para além dos mundos  
Em contínua e perpétua  
Devoção de sangue e vida  
Ao que nos uniu como irmãos;  
Ignorando a dor mais doída  
Que se nos impõe  
Toda a amarga despedida.

Para: Airton, Caio e Marli (in memorian)

Data : 09/09/2016

Título : Jardins

Categoria: Poesia

Descrição: Aos poucos deixou se adormecer Um Sol de primavera...

Aos poucos deixou se adormecer  
Um Sol de primavera,  
Que ora desejei eterna,  
Orbitando o imaginário de mim.  
Ciente de que nalgum outro dia  
Qualquer, ante o rigor do inverno  
Abordaria, cruel, ele, o tempo,  
Sem dó... Minhas relapsas faltas.  
Lapsos de uma falha coragem  
Donde inquietante, sonda-me,  
O agir débil do ínfimo ser que sou.  
Enfim. Desígnios das sinas?  
Não, não, não! Não morreria  
Eu jamais para a vida.  
Antes sim renasceria das cinzas  
Como se uma ilibada Fênix,  
Reconstruindo voo e asas  
Após gran finale, seu fim.  
Penso, satisfez lhe a curiosidade  
Ó, Sina das sinas - maldita!  
E que se achega revestida  
Das tais mundanas maldades  
Nas quais reescreves de forma sacana  
Aos vis (todos) espalhados mundo afora  
Como se corrupto e corruptor(a)...



Ao ver editado meu fim (predestinado),  
Nalgum velho e amarelado pasquim.  
Deliberadamente, destino. E agora?  
Que mais queres tu de mim?  
Afasta te, asqueroso Fado:  
Ainda almejo desenhar, colorir,  
Assinar algum outro novo quadro.  
E quiçá - melhor confiante -  
Lá, pouco mais adiante,  
Possa eu, enfim, florir, iluminar  
A outros novos tantos jardins!

Data : 01/01/2017

Título : João Victor

Categoria: Poesia

Descrição: O corpo tombado na rua, Revela o menino...

O corpo tombado na rua  
revela o menino franzino  
da favela ao lado.  
O sangue que escorre grita por socorro  
aos que ainda estão em pé diante dele.  
O seu último pensamento já não importa.  
Tudo se tornou urgente: a mãe  
corre em direção à multidão.  
É o menino de vinte e poucos anos  
caído ao chão.  
Os lábios tremem enquanto o sorriso  
arrochado se desfaz.  
Mas ele pensou em Madalena:

seus cristais reviram e a imagem  
dela passa diante dos olhos ainda vivos.  
A menina dos cabelos ruivos.  
O piercing acima das sobrancelhas.  
O sorriso dela à saída da escola.  
Vem lhe à imagem o quarto simples  
onde, o poster de Bruce Lee  
pregado à parede, revelava um pouco  
de sua personalidade interrompida.  
Desfilam diante de si os amigos  
no campinho onde batiam bola.  
A imagem de um pássaro  
que pousou semana passada  
à soleira da sua janela.  
Os homens de branco vem em seu auxílio:  
Tudo o que passa se dá muito rápido;  
as sirenes da ambulância que zumbia  
- mais parecendo um assovio ao longe -  
mãos que manejam-lhe e comprimem  
o peito esquelético  
na esperança vã de ressuscitar lhe a vida,  
e seus inúmeros dedos.... Menos os dele,  
os que tentaram mover-se na direção  
dos ferimentos que lhe cobriam o corpo,  
ainda vivo, mas que gelam lentamente...  
O último suspiro e o pensamento em Madalena.  
Despediu-se e 'disse' fim a tudo  
e todos o menino que nascera no dia do Natal  
e trouxera por sobrenome o nome De Deus:  
ironicamente  
João Victor De Deus.  
Este que agora diz adeus para sempre aos homens maus  
que sucumbem ao remorso da carne enquanto vivos.  
-- depois a morte que se encarregue destes também.  
Por agora, ficam somente as lembranças

vindas de todos os lados na pele  
de outros jovens João Victor(s).

Por: Marlene Kremer

Data : 23/04/2017

Título : João Victor I

Categoria: Poesia

Descrição: Mais um corpo tombado na rua....

Mais um corpo tombado na rua  
revela o menino franzino  
da favela ao lado.  
O sangue que escorre grita por socorro  
aos que ainda estão em pé diante dele.  
O seu último pensamento já não importa.  
Tudo se tornou urgente: a mãe  
corre em direção à multidão.  
É o menino de vinte e poucos anos  
caído ao chão.  
Os lábios tremem enquanto o sorriso  
arrochado se desfaz.  
Mas ele pensou em Madalena:  
seus cristais reviram e a imagem  
dela passa diante dos olhos ainda vivos.  
A menina dos cabelos ruivos.  
O piercing acima das sobrancelhas.  
O sorriso dela à saída da escola.  
Vem lhe à imagem o quarto simples  
onde, o poster de Bruce Lee  
pregado à parede, revelava um pouco  
de sua personalidade interrompida.

Desfilam diante de si os amigos  
no campinho onde batiam bola.  
A imagem de um pássaro  
que pousou semana passada  
à soleira da sua janela.  
Os homens de branco vem em seu auxílio:  
Tudo o que passa se dá muito rápido;  
as sirenes da ambulância que zumbia  
- mais parecendo um assovio ao longe -  
mãos que manejam-lhe e comprimem  
o peito esquelético  
na esperança vã de ressuscitar lhe a vida,  
e seus inúmeros dedos.... Menos os dele,  
os que tentaram mover-se na direção  
dos ferimentos que lhe cobriam o corpo,  
ainda vivo, mas que gelam lentamente...  
O último suspiro e o pensamento em Madalena.  
Despediu-se e 'disse' fim a tudo  
e todos o menino que nascera no dia do Natal  
e trouxera por sobrenome o nome De Deus:  
ironicamente  
João Victor De Deus.  
Este que agora diz adeus para sempre aos homens maus  
que sucumbem ao remorso da carne enquanto vivos.  
-- depois a morte que se encarregue destes também.  
Por agora, ficam somente as lembranças  
vindas de todos os lados na pele  
de outros jovens João Victor(s).  
Por: Marlene Kremer

Data : 23/04/2017

Título : João Victor II

Categoria: Poesia

Descrição: Esse outro corpo tombado na rua...

Esse outro corpo tombado na rua  
revela o menino franzino  
da favela ao lado.

O sangue que ora escorre grita por socorro  
aos que se encontram em pé diante dele.

O seu último pensamento já não importa.

Tudo se tornou urgente: a mãe  
corre em direção à multidão.

É o menino de vinte e poucos anos  
caído ao chão.

Os lábios tremem enquanto o sorriso  
arrochado se desfaz.

Mas ele pensou em Madalena:  
seus cristais reviram e a imagem  
dela passa diante dos olhos ainda vivos.

A menina dos cabelos ruivos.

O piercing acima das sobrancelhas.

O sorriso dela à saída da escola.

Vem lhe à imagem o quarto simples  
onde, o poster de Bruce Lee,  
pregado à parede, revelava um pouco  
de si. Da sua personalidade interrompida.

Desfilam diante do corpo dele, os amigos.

Meninos que, como ele, no campinho de terra vermelha, batiam bola: as ditas  
peladas.

A imagem de um pássaro  
que pousou semana passada  
à soleira da sua janela -- pintura descascada.

Os homens de branco vem em seu auxílio:

Tudo o que passa dali por diante se dá muito rápido:  
as sirenes da ambulância que zumbia

- mais parecendo um assovio ao longe -  
mãos que manejam-lhe e comprimem  
o peito esquelético  
na esperança vã de ressuscitar lhe a vida,  
e seus inúmeros dedos.... Menos os dele;  
os que tentaram mover-se na direção  
dos ferimentos a lhe cobrirem o corpo,  
ainda vivo. Mas que gelam, lentamente.  
O último suspiro e o pensamento em Madalena.  
Despediu-se e 'disse' fim a tudo  
e todos, o menino que nascera no dia do Natal  
e, trouxera por sobrenome, o nome De Deus:  
ironicamente  
João Victor De Deus.  
Este que agora diz adeus para sempre aos homens maus  
que sucumbem ao remorso da carne, enquanto vivos.  
- depois a morte que se encarregue destes também!  
Por agora, ficam somente as lembranças vívidas, vindas de todos os lados na  
pele  
de outros jovens João Victor(s).

Data : 01/01/2016

Título : Lágrimas

Categoria: Poesia

Descrição: E no final da tarde o céu chorou/ Copioso, amargou...

E no final da tarde o céu chorou.  
Copioso, amargou...  
Porque àquela manhã orvalhada  
O sol negou se. Não apareceu.

O azul cinza, esmoreceu.  
Os homens também calaram-se:  
Calados, emudeceram  
[o choro costuma calar reclames]  
Suas dores, as feridas todas reclamadas,  
Cicatrizaram...  
[hão dores que fingem não doer]  
Desta vez por haverem sido choradas  
Em conjunto com as águas  
Que teimavam jorrar dos céus.  
Tudo na então, molhada tarde de verão.  
Lágrimas: sal que faz verter a calma;  
O amargo que nos acalma...  
E na calma d'alma, vejo-me um corpo são!

Data : 09/09/2016

Título : Luta

Categoria: Poesia

Descrição: Um nome Uma vida...

Um nome

Uma vida

O chão.

Um homem

Uma luta

O pão.

Um morno ventre

Um choro

Um bem querer.

Sem que se olhe

Para trás

O que o mundo nos exige  
É que se teime  
Em viver.  
Nada mais!

Data : 09/09/2016

Título : Luxúria

Categoria: Poesia

Descrição: Você, meu pecado capital: (luxúria)...

Você, meu pecado capital:  
(luxúria)  
Lesá força irracional:  
(vento em fúria)  
Fosse eu roubar um beijo seu  
(perjúrio)  
A mão tocara primeiro ao lábio  
(um tanto sábio)  
A volúpia mordiscava a mão  
(menos sábio)  
Quem disse raciocínio,  
(nesta hora)  
Faz bem ao coração?  
(in-conclusão)  
Se desejo mordo e beijo,  
(inda agora)  
A estes vulneráveis, proibidos lábios:  
(ostentação)!



"Amar é cansar-se de estar só. É uma covardia,  
portanto. Uma traição a nós próprios  
(importa soberanamente que não amemos)."

Fernando Pessoa

Data : 19/01/2014

Título : Maçã

Categoria: Poesia

Descrição: Amor! Vulcão medonho, torrentes de fogo/ E de brasas. Lar dos  
abalos e sismos...

Amor! Farol que nunca se apaga.  
Chama que seduz, reluz e afaga,  
Mesmo a um coração enganador.

Amor! Céu dos tantos abismos,  
Berço imenso das estrelas anãs,  
D'onde ainda vive o jovem sol:  
Luz acesa de toda jovem manhã.

Amor! Vulcão medonho, torrente de fogo  
E de brasas... Lar dos abalos e sismo(s),  
Fruto proibido e que provou da maçã.

Amor! Do bem querer ao querer bem,  
Sois, de todo, um puro otimismo.

Se, traduzido, sois bula nas curas.  
Da lâmina fria, às suturas,  
Fez-se - dentre doença e loucura ,  
A doença mais sã!

Marlene Kremer (2014)

Data : 29/04/2017

Título : Mais Amor Por Favor

Categoria: Crônicas

Descrição: O jovem está sendo dizimado: O brasileiro, o que detém o poder nas mãos...

#### O JOVEM ESTÁ SENDO DIZIMADO:

O brasileiro, o que detém o poder nas mãos - nem sempre tão limpas ou honrosas - tem massacrado seu personagem mais moço, o público juvenil. Refiro-me àquele jovem, o que sonha um lugar ao sol, o que luta por uma sociedade mais justa, enquanto tenta expor, com seus gestos, o seu contra gosto em eventos cívicos ou nem tanto. Enfim: em frequentes manifestações usadas como forma de protestos (uma válvula de escape), não muito apreciada pelo social. Mas que nem por isso deixam de ser legítima e democrática. Partem destes, os que se auto intitulam homens de bem, as mais diversas formas de agressões físicas: do tiro disparado por arma pesada ao cassetete quebrado na cabeça. Fora outras formas de agressão verbais ditas de forma pueril e vexatória. Quem já não assistiu a um policial militar ofendendo, no mínimo, a mãe do seu interlocutor? Quando não moralmente, designado-os como vagabundos, meliantes e outros adjetivos toscos, tratam de descer o cacete, balas de borracha, usar de gases tóxicos para dispersão. E aí não se salva ninguém: nem subversivo nem o correto Mauricinho.

Temos assistido à cenas de horror Brasil afora. Começou neste ano com um jovem de 13 anos morto num confronto com autoridades, dizendo que praticara um roubo de automóvel, por isso atiraram nele, pra matar. Depois veio o caso João Victor (quem lembra de João Victor de 9 anos?), morto pelos seguranças do Habibs em São Paulo. A outra menina aquela da qual não lembro o nome, morta dentro da escola enquanto praticava educação física, morta por bala perdida. Ontem ainda todos viram no jornal Nacional e afins uma mãe enterrar seu filho de dezesseis anos que estava em uma passeata em favor da Paz. Que ironia!

E sobre este escabroso caso do jogo da "baleia azul" que se encontra sob investigação numa delegacia do Rio de Janeiro, dizer o quê? Hoje, por exemplo, estampa as capas dos jornais do mundo inteiro, cenas em série de uma violência

policial descabida - registradas com câmara fotográfica e tudo o que se têm direito - contra um rapaz de 33 anos, filho de paulistas. Um estudante da Faculdade Federal de Goiânia. O rapaz que ontem, dia 28 de Abril, participou da Greve Geral, foi brutalmente atingido no rosto tendo o cassetete de onde partiu o golpe partido-se em dois pedaços e, agora, luta pela vida numa cama de hospital. Aí a pergunta: quem cuidará dos nossos jovens numa sociedade onde o deus dinheiro é quem governa? Sinto muito, mas alguém tem que se posicionar em favor destes, pois corremos o sério risco de termos a juventude reduzida a pó, desculpando a ambiguidade das situações.

Quem levará este país adiante? O que sobrará à geração de velhos que está se formando daqui para a frente; os que estão completando mais de cinquenta anos? Seremos todos zumbis, no mínimo. Porque, de ferro, bastam as máquinas e os computadores que já substituem o papel do homem na indústria e comércio. Menos paixão ao dinheiro e mais amor, por favor!

Data : 09/09/2016

Título : Matrimônio

Categoria: Poesia

Descrição: Não que eu conceba o melhor amar Ao comparar lhe à quantias em felicidade...

Não que eu conceba o melhor amar,

Ao comparar lhe às quantias

em vasta felicidade.

Não! Assim como se fazem aos milhares...

Não que me venhas e infrinjas a lei

Quando, em meu sonho hangar,

Nele adentrares meio a promessas

airadas no infiel:

Inadvertidos rasantes, falsas juras, que sei!

Sobrevoando outras alturas, em outros céus.

Revoada imatura, sabemos:

Açúcar no mel do colibri.

Não que me desagrade quando te deitas

Ao lado da sutileza.

Uma que adule traição de contigo, para si.  
O espejar se em ninhos alienígenas  
De outras belezas... Também não!  
Ou, ainda, que, labaredas  
Nefando à paixão clandestina  
Roube-me os sonhos menina.  
Não!  
Concebo o amor como saciedade.  
Um fartar-se e enfartar se de carinho:  
Enfartar se na liberdade das sensações.  
Sanção aos incapazes de a ele se dar...  
Assim, como se amar fosse,  
Mais que amar - amar, amar e amar -  
Única sina ditada ao coração!

Data : 15/07/2015

Título : Meu Hoje

Categoria: Poesia

Descrição: Ó, mundo insano! Cadê suas anunciadas grandezas?

Mundo insano!  
Cadê suas anunciadas grandezas?  
Ou suas belezas se restringem às guerras  
Que são frias mas rendosas?  
Escancaram a forma escabrosa  
De aniquilar o oponente  
Em terras alheias  
Que se dizem magras na defesa  
Dos seus ideais.  
Não são ociosas ou feias.  
Simplesmente não mais

Resistem ao ataque virulento  
Infringido desde Triássicos répteis ancestrais  
Até o homo sapiens, sangrento,  
Que tem na luta contrária, rivais  
Não tão imaginários como previa  
O objeto assassino  
Da indústria bélica e seus formais  
A derrotar o coletivo indulgente:  
São inocentes os meninos  
Que, o tempo todo, sentem sede de paz.  
Mundo insano!  
Se me declaro seu humano  
É por não haver outra saída.  
Ou saio em defesa da vida,  
Ou me arrastas pelo cano  
Das decepções:  
Celeiro dos bem feitos anões  
Na vontade: edital vegano  
Que devora criancinhas!  
E assim a humanidade se alonga  
Em desalinho,  
E apressada ainda caminha.  
Até quando?  
Sinto-a numa redoma de vidro.  
Ó, pobrezinha!

Data : 09/09/2016

Título : Meu Oprimido Universo

Categoria: Poesia

Descrição: Ah, mundinho das quimeras! Honrarias e muitas flamas...

Ah, mundinho das quimeras,  
Honrarias e muitas flamas!  
Sei, não és entre feras,  
Uma fera que se doma...

Pergunto lhe, então: sendo eu  
Um seu composto,  
Quem ou o que seria o oposto  
Em tão ilustre trama?!  
Mormente, aflige-me imensa gama:  
Vejo-me num círculo vicioso...

Não, não me excludo de tal drama.  
Agora, caso não for eu o avesso,  
Onde encontro o Axioma?

Ah! mundo tortuoso que me exige,  
Vê. Tenta-me, invade, consome...  
E a qualquer preço  
Quer ele me consertar.  
Alto lá. Entenda: sou só mais  
Uma dama empenhada em ajustar...  
E se bem o conheço, vasto Mundo  
Vasto... Amedronta-me tua má fama.

Mas, um definido bom Caráter,  
Ainda conta, ainda soma:  
Há em cada obra um seu valor  
E, de certo, um endereço...  
Um muito obrigado, um sim Senhor,  
Também tem o seu apreço.  
Enquanto isso, me atrevo ó Vida,  
Com a sua devida licença,  
Por aqui eu permaneço.

Data : 04/06/2016

Título : Modéstia da Peste

Categoria: Poesia

Descrição: Hora destas Reúno os todos Os pensamentos...

Modéstia da Peste:

Hora destas reúno

Todos

Os pensamentos

Impróprios

Com os quais deparo

Em leituras

Ocres ou comigo mesma.

Faço deles um explosivo anárquico

Pirotécnico

Lesando à páginas

Igualmente anárquicas.

Filosofias

Pagãs, propostas elásticas:

Eventuais episódios úteis

Destituídos da plástica.

Um estouro

Literário

Capaz de dar inveja

A um Charles Bukowski.

M. K.

Data : 09/09/2016

Título : Morre Em Ti

Categoria: Poesia

Descrição: Um traço, Um cheiro...

Um traço, um riso  
Um cheiro!  
Ou mesmo o teu abraço  
Teso, um gesto afanado.  
O afago que escondes nos braços  
Rudes dizendo das falas e atos.  
Hiato que faz dum lábio o marco.  
Aquele ao qual me reporto e por nada  
Ou ninguém menos que tu, me desfaço:  
Condeno-o a ser desejo!  
Único beijo sem adeus!  
Selo a zelar o derradeiro  
Corpo em perpétuo cansaço  
Condenado a busca - Jamais finda -  
Do amor primeiro.  
Alojado neste parco espaço do peito:  
Emaranhado de veias, veios generosos  
Nos quais mergulhas em nóias de amor.  
Sem pudores no teu pudor;  
Que é onde me acabo, me desgraço.  
Se em ti, fiel eterno parceiro  
D'uma história que zela em ser linda.  
Simplestória que, na loucura,  
Se fez infinda.



Data : 09/09/2016

Título : Morrer Em Alto Mar

Categoria: Poesia

Descrição: Eu 'inda hei de morar no mar. E por mais largas e fundas...

Eu 'inda hei de morar no mar.

E por mais largas e fundas façam-se, as suas frias

E broncas águas;

Não me serão (elas) capazes

De as mágoas todas, afogar.

Data : 09/09/2016

Título : Mulher

Categoria: Sonetos

Descrição: Cedinho atinei às caudas e nuvens do céu: Carneirinhos, convidava me, vamos sair?...

Cedinho atinei à caudas de nuvens no céu.

Carneirinhos convidavam- me, vamos sair?

Diziam entre si, faz bem inovar... distrair...

Lamber o ar, ver o sol. Vagar meio ao léu.

Intuindo os longos cabelos de Rapunzel,

Os meus libertei; contas e laços de purpurina.

No rubro dos lábios, o olor alucinante do mel;

No colo, um colar que aos opostos fascina...

E embora eu veja a mulher dentro do vestido;

Por vezes retraio-me, e enxergo a menina...

E ainda que ensaie negar aos tantos pedidos;

Encontro-a reclusa no toque conciso do poema.  
Perguntas porquê. Sê flerte você, amor proibido?  
No nanquim dos olhos, a densa reprise do tema...

Data : 24/01/2017

Título : Mulher de Fases...

Categoria: Poesia

Descrição: Decorar feito tabuada do nove? Do Abc e afins??

Decorar feito tabuada do nove,  
Abc do abecedário e afins?  
Não?!  
Acomodaram se os velhos tupiniquins!  
Então perdoar setenta e sete vezes sete?  
Voltar aos tempos de Cristo?  
Dê a outra face, assim?  
Melhor deixar isso tudo  
Aí, só na manchete...  
Tô dentro: orgulho-me  
ser mulher de fases.

Ano : 2017

Título : Nos Rincões do Rio Grande

Categoria: Crônicas

Descrição: Como boa pauta que é, arrisco-me dissertar sobre violência nos recintos do futebol...

Como boa pauta que é, arrisco-me aqui dissertar sobre violência nos recintos do futebol, bem como em outros segmentos da sociedade; meio que generalizando a coisa toda: ouvi agorinha a pouco, via Rádio Gaúcha (ih! lá vem ela), depois daquele ocorrido, um quebra quebra entre torcidas e vermelhos colorados no jogo em Rincão (ôpa Veranópolis) no último dia 17, um advogado especializado nas reveses deste e outros esportes, argumentando sobre. O que ele nos diz? As leis existem. O problema maior é identificar esse torcedor que foi ou continua indo aos jogos com a intenção "clara" e sórdida de somente vandalizar, oprimir, manifestar seu lado perverso contra o torcedor de boa fé. O que foi ver o time preferido jogar, levando consigo amigos, membros da família, namorada(os) com o objetivo puro e simples de apenas distrair-se e relaxar por alguns momentos com os seus, saindo bastante prejudicado. Têm mais: os vândalos, embora freados por várias estratégias de contenção - policiamento, revista pessoal e etceteras - não só persistem colocar em risco a integridade física dos associados e simpatizantes, como também poem em cheque a imagem da instituição que gera emprego e divisas. Aí vais dizer - Ah Marlene, mas tu só posta coisa negativa: violência, presídios, comentários raivosos de esquerda, direita, do lado do meio e vice e versa e versa vice. Deixa isso pra lá, vamos cuidar dos da nossa aldeia. Pois é meu bem, tudo interligado. Uma coisa puxa a outra. Não há como evitar, fechar os olhos para as práticas ofensivas do mundo que me cerca. A menos que se faça o jogo do esconde-esconde, o das mãos nos olhos "adivinha quem é?" ou use-se a tática do avestruz que enterra o pescoço na areia ignorando o risco de se ver atropelar pelo caçador apressado. Ou o cara seja tão insensível e estúpido a ponto de - minimamente que for - não indignar se com a incapacidade dos governantes e autoridades designadas a gerir o bem público, dando ao povo o devido direito a melhor segurança possível, quando em circunstâncias de grande aglomeração. Outra, que o mesmo sujeito que me suja os olhos com palavras degradantes lá, no face bocó, é o mesmo sujeito que vai aos estádios apenas para avacalhar a outrem e desarmar a ordem e poluir o ambiente. Enfim, que prejuízo não?!

Data : 09/09/2016

Título : O bem x O mal

Categoria: Poesia

Descrição: Que não pelo mal e sim pelo bem, E por visão do aconselhável...

Que não pelo mal

E sim pelo bem,

E por visão do aconselhável,

Posto ter sido esquecido,  
Abandonado  
Neste desconforto intragável  
De ser-se deixado de lado...  
Teu ombro amigo,  
Amigo,  
Hora destas, preciso:  
Sois, meu vício,  
O viável.

Data : 09/09/2016

Título : O Homem e a Fera

Categoria: Poesia

Descrição: A vida jamais lhe foi. Ela o é isso que a vida é...

A vida jamais lhe foi.  
Ela o é isso que a vida é.  
Mesclas do agora e um depois,  
Gentes tantas e essa indistinta fé.

Hei! Conta-me dos rigores e planos seus,  
E lhe direi eu dos rigores e feitos meus...  
Vê. Hão segredos entre céus e terra.  
Mas, cultuo não ignorar a um deus...

Homens! Não sofram por suas guerras.  
Menos ainda por creres instintos ateus:  
Atiça em si sodomia como se oculta fera;  
Lhe afana a fera tudo do pouco que viveu.

Data : 21/09/2018

Título : O que me vai no coração

Categoria: Poesia

Descrição: Olhe para o céu da noite! Em meio ao turbilhão de estrelas...

Olhe pra o céu da noite!  
Em meio ao turbilhão de estrelas  
ela, a lua, se impõe luminosa e fagueira.  
Nunca me pareceu tão bela e ordeira,  
esta lua  
matreira protegida na imensidão.  
Vontade de contar pra ela o que  
me vai  
no coração.  
Mas vou dizer não.  
Ela que me espie lá de cima  
e tente desvendar meus segredos.  
Não contarei dos meus medos  
por medo dela de mim se esconder...  
e depois reaparecer,  
noutra noite azulada,  
zombando do meu desastroso viver.

Data : 01/01/2014

Título : O Sol da Meia Noite

Categoria: Crônicas

Descrição: A vida nem sempre mereceu aplausos da nossa parte, convenhamos. Ao seu comando, antes intocável...

## O SOL DA MEIA NOITE

A vida nem sempre mereceu aplausos da nossa parte, sejamos francos. No tocante ao que refere o dito estado natural de se estar nela, voluntariamente. Ao seu comando, antes intocável, ela poderá mudar de cor e sabor conforme o bater de ondas, gigantes, salobras, em mares de planctos. Fitos luminosos salivados por algas disformes em mornas correntes. A vida, este oceano de dúvidas, corre seu curso conforme navegam rebentos de águas doces misturados à outras furiosas águas; ora chocando se contra rochas, onde explodem formando espumas; ora um tanto nobre ou mesmo esnobes tal qual saís em banheiras de divas muito bem alojadas, instaladas in misteres suítes hollywoodianos nos áureos anos, junto aos bolsões da Wall Street. Debochada, surpreendentemente, ela pode e despede se da gente como se um habitante baio das savanas, cão sarnento que somos e sem tempo hàbil para definir a raça pertencente. As cortinas se fecham e o espetáculo desagrada a um ou outro - senão a maioria - que desembolsa expressivos valores em expectativas maiores, organizando ensaios a fim de nos proporcionar orgasmos extras para assistir lhe às cenas tórridas ou esdrúxulas, dependendo o posicionamento de cada soldado em guerra; a lutar pela sobrevivência obcena. Mas do lado de cá, e meio que fora de nós, o show teima em continuar aos trancos numa passada agressiva, tal qual trote de avestruzes em descampados da África. Ou, então, tímido e úmido como o sereno dos cânions do Sul, esboçado in natura e, com alguma sorte, respingado por leves toques de alfazema misturada à baunilha imitando à primaveras aprisionadas em mini-mínimos frascos de 'deo perfame'. Noutras, arde em sabores picantes, feito pimenta oriunda do oriente; embalados em potes fetiches ao estilo quinquilharia made in Chine.

Desconfio, seja, exatamente este o fato d'ela ser o palco das atenções sem que, necessariamente, restrinja-se ao minimalismo cruzado dos séculos em vigência, sob os olofotes do mundo arcaico; quando, lenta e gélida desintegra-se e desmembra o meio comum. Como fazem diluir se os icebergs da Antártida, deslocados em montanhas de degelo em si próprias elevadas ao esmo dos seus mesmos dez por cento em massa corporia sólida, despencando mar à dentro; enquanto, entre os meses outubro e março, iluminam-se em filmes de neom os polos das auroras boreal ou austral, como sendo o Sol da Meia Noite.

M. K. (AGO, 2014).

Data : 30/03/2013

Título : Objeto Do Verbo Amar

Categoria: Poesia

Descrição: Ainda que viva em mundo vasto/ Tão farto de fatos e cores/ Sigo na paz à luz do meu Fado...

Ainda que viva em mundo vasto,  
Tão farto de fatos e cores...  
Sigo na paz, à luz do meu Fado.  
Sina vã, por jardins e outras Flores.

Alivia-me a sã consciência,  
A cobiça ao sucesso ou dinheiro.  
E, ao remeter-me às lembranças,  
Penso logo o amor primeiro...

Eventos memoráveis, os de criança!  
Aventais brancos, rodas, bancos, recreio.  
Mestres e lisuras – caráteres louváveis!  
Bons Tempos, afirmo-te, sem o menor receio.

Mas, incauto, ainda que vivendo o presente  
Turbulento; o idiota coração sofre, presente  
Que, mesmo ao meu amor da infância  
Argumenta-me outra nova circunstância:

Contorná-lo a dispensa d'um passado...  
Pois, que, nesses novos tempos, mudados,  
Sonhos normais, de fantasia ou decência  
Aos elementos frágeis, soma se a ausência.

De: Marlene Kremer

Data : 09/09/2016

Título : Olhar Pirata

Categoria: Poesia

Descrição: Bravos corações Passam a ferir...

Bravos corações

Passam a ferir

A si mesmos

Quando, no seu entorno,

Moldam se ilusões

Combinadas ao desatino

Da desesperança.

Mesclam-se às bodas,

Boas e más lembranças:

O traço fino

Das emoções

A delimitar aliança...

O córtex reclama

O vital desta aliança:

Vícios e desperdícios

A serviço

Do nada.

Pois que, destinos

E humanidade,

Omissos;

Vergam unidos às enfermidades

Da alma.

Enquanto alienados

Na barbárie

Patológica dos séculos

Propõem ideais com suporte



Na mediocridade  
Silente das premissas...  
O objeto?  
Explicar ao padre  
A lógica da missa.  
Sem que séculos em guerras  
Ouçam a voz  
Das sortes...  
Toscamente omissas.

Data : 19/04/2017

Título : Orgia

Categoria: Poesia

Descrição: Me fiz eclipse debaixo do círculo da luz amarela...

Me fiz eclipse debaixo  
do círculo  
da luz amarela do beco urbano.  
Silente, a sondar ruas sem rumo  
algum. Acostumadas a ofuscar luas  
e estrelas -- ao vê las...  
Enquanto a mesma memoriza  
à donzelas em seus odores  
que, desfoques, tramitam  
entre uísques, fumos e orlas de bares  
envoltas no mais vulgar dos Patchoulis.  
Convertendo espichadas manhãs  
em sabores salpicados  
de estimulantes aromas  
de café com nuvens de Chantili.  
E o eclipse dos eclipses

se desfaz diante  
dos dois amantes, quando,  
ao morrerem nos braços  
um do outro, logo mais ali.

Data : 15/03/2017

Título : Os Anjos Da Longa Estrada

Categoria: Sonetos

Felicidade, dizem, é coisa bendita...  
Vários são os que só nela acredita!  
Mas a criatura vive de ser manipulada:  
Felicidade parece sim coisa inventada!  
Compramos panos e enviamos flores;  
Mas fica o dano, enfim, graves dores...  
Felicidade parece sim coisa inventada:  
Você sonha co'a dita, mas, qual nada!  
Ah, você felicidade. Não és coisa santa!  
Ao tocarmos o focinho delicado, dela,  
Aí é que a cuja contra vós se levanta!  
E os risos e os loros se vão pela janela..  
E frases e sons ficam presos à garganta.  
E eu? Bom, fico a adivinhar o que é ela?!  
P. F. 15/03/17

Data : 09/09/2016

Título : Os Deuses e a Lua

Categoria: Poesia

Descrição: Diz-me de quais cores se vestem as nuvens; De que cor mesmo é feita a cara do tempo...

Diz me de quais cores se vestem as nuvens?  
De que cor mesmo é feita a cara do tempo?  
Há dias de pouco alento, tolhidos pelo vento.  
E ainda que crentes dedos em cruz, cruzem

Os céus; não mo diríeis, ó lua, do seu visual.  
De que vestes fizestes uso? Irias com qual?  
Não veríeis ameaças poeirentas, intrusas.  
Não encontrareis, meio a coisas confusas,

Respostas concretas - pois que as negam -  
Quando do alto, belezas únicas nos cegam.  
Mas um olhar cego melhor vê se inebriado

Ao som de violinos que aos deuses, oram!  
Tocados a exemplo dum olhar apaixonado,  
Mira certa: uma flecha que viajara a Órion...

Data : 11/02/2012

Título : Outras Luas

Categoria: Poesia

Descrição: Vi noutra noite, a Lua, soberana Viva...

Vi noutra noite, a lua.

Viva, soberana,

Ocultar-se. Embaçar o rumo das ruas:

E então - óh, presunçosa lua!  
Tu que rouba o brilho da estrela  
Que fugas em noite escura,  
Devolvei a luz às estrelas.  
Todas elas, sejam elas minhas,  
Sejam elas suas - proclama!  
Pede. Pois, que, toda a estrela, flama!  
Também ela ambiciona um dia ser lua  
E enfeitar o escuro das ruas  
E brilhar ao som d'um violoncelo,  
O celso da volúpia que ousa - no belo  
Das notas tantas -  
Inquiri-la à unção d'algun si, ou dó.  
Sei, ora, num vislumbre breve,  
De alta madrugada; vê-se fria, apagada;  
Primorosamente nua de brilhos...  
No entanto, a realeza sua, perpetua:  
Persiste no devanear das fantasias,  
No idear dos sonhos...  
Nobre, immortaliza serestas  
Geriatriza seresteiros  
Desassombra florestas  
Elabora incestuosos cios no dandar dos cipós  
(...)  
Sei, és também parceria da solitude  
Do nômade, do forasteiro.  
Me fiz - fizeram-se - os teus fãs!  
E, tanto, que sequer meus toscos versos  
As violas, os violeiros, serestas,  
E seresteiros, sob tal vislumbre e luar;  
Jamais sentir- se-ão, sós!

Data : 01/01/2016

Título : Ouvi Dizer Por Aí...

Categoria: Sonetos

Descrição: Insípidas, monótonas palavras! Não, impressionam...

Insípidas, monótonas palavras  
Não impressionam, não têm sabor.  
Mas também como a límpida água;  
Toda inodora, insípida e incolor...

Insípidas palavras, em sendo o meio,  
Reverberam. Implicam algum teor!  
Contudo, suponho, eis que interveio:  
Comprometeu-se em muito o sagrado.

Daí da criação de um significado,  
Forte. Tão óbvio como sede e água;  
Portanto, dígno a dígna palavra amor.

O básico, bem como o inodoro a todos...  
O insípido ao mar e que no mar deságua.  
E tudo o mais que não reclame cara e cor.

Data : 01/01/2009

Título : Palavras

Categoria: Poesia

Descrição: ditas escritas palavra ouvida

Ditas, escritas, inscritas,

Não ditas ou proferidas:

Palavra ouvida?

Quem sabe nunca lhes diga a certa,

A palavra devida, a correta.

A que lhes desperte e convide à amar.

Amar ao próximo como quem ama a si.

Sugiro, então, o laborar como meta.

E, ainda assim, prefiro ao afeto

Ante o frio poder especulativo da lida.

Porque, de in-certo, senhores,

Vulgar, basta nos o vil do desafeto

No rústico tear da vida.

Produzindo enredos até o último respiro:

Eis a penúltima palavra indevida!

Data : 19/05/2015

Título : Pára isso aí...

Categoria: Crônicas

Descrição: Dois momentos desta segunda feira, dezoito de maio de dois mil e quinze que me deixaram com aquela cara de...

Dois momentos desta segunda feira, dezoito de maio de dois mil e quinze e que me deixaram com aquela cara de "Meu Deus, pára o mundo que eu quero descer!".

O primeiro foi quando, na internet, assistia a um determinado vídeo de uma determinada figura, não tão pública, mas que está vinculado a 'evangelização de fiéis', com direito a horário exclusivo na TV e tudo mais; abordando estórias de

como o senhor em questão dizia coisas, frases do tipo "só no Brasil". Assuntos estes, referente a curto diálogo que mantivera durante um encontro com certo estrangeiro em visita ao nosso país. Enquanto, segundo narrativa, ambos faziam eventual caminhada numa região de praias paulistana, sendo que comentavam sobre a atual conjuntura político/social e econômica daqui. Isso tudo ocorre em tempo real mas de forma desdenhosa, debochada até, durante o evento colocado pelo pastor.

Arrisco-me argumentar esse episódio com um 'nada e tudo a ver'. A maioria dos países do planeta têm problemas semelhantes ou piores que os nossos; conforme venho observando através dos noticiários. Meios de comunicação da imprensa escrita, falada ou televisiva.

O momento seguinte foi enquanto navegava por canais de comunicação da TV, a esmo, em busca de algo - não usarei aqui da palavra descente, seria pouco apropriado nesse momento de alguma especulação por parte desta que vos digita: digamos então coerente - para contemplar a aura aturdida desta minha exaurida psique. Piada! Cruzei com um dos e estacionei ali por alguns instantes analisando, tentando entender o que o pessoal ligado ao tal CQC, programa em horário nobre (outro deboche), queria dizer me àquela altura do tempo. Nova decepção! Usavam, os atores apresentadores, dos infortúnios e desgraça alheios para se auto promoverem, encher linguiça - o vácuo da programação - falando a respeito da pobreza material do seu semelhante (havia pessoas sendo entrevistadas em ruelas estreitas, casas tipicamente improvisadas em uma favela, tirando proveito da situação de forma desonrosa). Ou então respondiam levianamente, claro, de maneira grotesca aos participantes da 'entrevista' e também à alguns e-mails enviados pelo tele espectador. Todos tentando fazer concorrência uns com os outros, só na base da banalidade das ideias postas ali no jogo do vale tudo. Ninguém merece! As pessoas tornam se previsíveis demais, repetitivas demais, sem nunca acrescentar em nada o meu angustiado, mas ilimitado anseio à cata do conhecimento interpessoal.

Cadê o National Geographic, daqui? Migrando para o Discovery Channel avaliar o mundo bizarro dos psicopatas marginais, estudados por Freud e alguns outros num passado ainda recente (retroagindo 1939). Epicentro de ensaios médicos terapeutas na sociedade ocidental.

Buscar entender a mente aflita do humano mais e mais, é meu passatempo favorito ultimamente. Ainda que estranho, aprendo muito com isso!

Fui!

Data : 10/05/2017

Título : Parque Brasil

Categoria: Poesia

Descrição: Eles se fecham em copas Eles se alimentam em côrtes...

Eles se fecham em copas...  
Eles se alimentam em côrtes  
Eles, literalmente, nutrem o mal.  
Eles são a miséria do mundo:  
A quadrilha se fez "no social."  
Eles, os donos do mundo,  
são o capital.  
Se fazem na mazela das sortes;  
Galgam toda uma ganância  
Em prol de si mesmos  
- uma ânsia.  
Eles, são o capitalismo,  
O espetáculo das sinas:  
Seriam eles seres normais?  
Seriam inúteis banhados nos ismos?  
Egoísmos, centrismos - egocentrismo!  
Eles são os Maníacos do Parque  
No geral e um pouco mais.

Data : 30/06/2015

Título : Passado a Limpo

Categoria: Poesia

Descrição: Não escrevo mais poesias/ Cansei de tudo...

Não escrevo mais poesias.  
Cansei de mim e quase tudo,  
Dos eteceteras da vida.  
Não escrevo mais poesias  
Realçando a cores esmaecidas.



A jornada é bastante longa,  
Tão comprometida  
Está com os desassossegos  
Que se nos impõe a vida

[traumática, ilógica, fingida]

Fiel em hipotéticos reinos  
Inibidos por abertas feridas  
Como se arena e leões,  
Como se terroristas suicidas...

Não faço mais poesias:  
Amputaram-me os dedos,  
Estupraram-me os olhos  
Ofuscando a virgindade d'minha alegria.

Aborto a fantasia factual  
Do hipócrita no eventual dos dias...  
Perdoai! Desfiliei-ei-me de Era  
Ao assumir a greco terra  
Dos deuses pagãos  
Como se pretendendo antídoto,  
Refúgio, ou mesmo a magia  
À anular esta minha acanhada,  
Inusitada, estranha melancolia.

Diz me como, então, adornar-lhe santa  
Poesia?  
Não mais dar-te-ei este meu  
Inconformado  
Adeus!

M. Hellen Loppez

Data : 07/07/2012

Título : Passo a Passo

Categoria: Poesia

Descrição: Fez-se tarde o entardecer da primavera/ Vagueio por aí.../Mãos nas luvas/ Cabeça na lua...

Fez se tarde o entardecer da primavera.

Vagueio por aí.

Mãos nas luvas

Cabeça na lua

Meus desassossegos?

Trouxe os comigo às ruas:

Cansou me deitar à espera tua.

Os pés tocam a calçada,

Piso firme no chão.

O pulmão inspira, expira,

Bate forte o coração.

Ouçó os próprios passos me acompanhar,

Exigido, o corpo inteirinho sua.

O pulso pulsa.

Bate forte o coração.

Sangue quente aquece as veias

Efervescente,

O pensamento a me espionar.

Sigo em frente.

A cidade toda envolta no glamour.

Ostentosas vitrines

- o neon e suas teias -

As esquinas, o trânsito;

Tudo a fluir.  
E eu, alheia, devo seguir.  
A vida roda ao meu redor.  
Todo o tempo,  
O tempo todo, sem parar.

Meus olhos e ouvidos,  
Escondem-se: nada ouço,  
Nada vejo.  
Nem anúncios, nem gracejos.  
Só o meu andar indo em frente  
Levam os meus passos  
Um após outro. Sempre.  
É o meu vagar.  
Transponho os maus momentos:  
Exorcizo o meu pior!  
Um dia, num outro virá o melhor.

Toc, toc, toc,toc, o meu andar.  
Tic tac, tic tac, tic tac – o relógio!  
Um último toque: desligar.  
Aquietem-se. Vamos brindar!  
Ah, respiro fundo. Harmonizo.  
Serenos vem,  
Aprumo as asas.  
Hora de voltar.

Desfilam rápidos estes nossos verões!

Data : 09/01/2015

Título : Pedra Nobre, Pedra Pobre

Categoria: Poesia

Descrição: Solitário/ É o anel/ O que ainda...

Solitário  
É o anel  
O que ainda  
Não se viu  
Parceiro seu...

Solitária  
É a pedra bruta  
A que nega  
Fazer-se minha  
Companhia...

Eu, transcendente,  
Vivo cercada  
De sonhos:  
Próximos,  
Distantes...  
Alheios de mim,  
Por fim.

Data : 01/01/2006

Título : Pensamento

Categoria: Pensamentos

Nunca tive a honrosa pretensão de denominar-me poeta. Brinco, apenas, com as palavras: elas me atraem. Embora, algumas vezes (sem querer), elas próprias me traem.

Marlene Kremer

Data : 06/09/2015

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

Descrição: Se sobrevivermos a isso tudo,

Se sobrevivermos a isso tudo, às afrontas todas, creio que - num futuro próximo - nos veremos com olhos mecânicos e peito de aço carregando um coração blindado. (Frase de autor desconhecido).

Data : 06/09/2015

Título : Pensamentos

Categoria: Pensamentos

Descrição: Ainda que se nos apresente de forma

Ainda que se nos apresente de forma inédita, a vida será sempre uma enorme reprise... (M. K)

Data : 01/01/2017

Título : Pesamento

Categoria: Pensamentos

Descrição: Poema é assim, peça de cerâmica. Você alisa arroteia dá um verniz. A obra brilha, maravilhosa e...

Poema é assim, peça de cerâmica. Você alisa, arroteia dá um verniz. A obra brilha! Maravilhosa e elegantemente. Mesmo quando sob improvável situação de sucesso.

Data : 20/05/2021

Título : Poema pobre

Categoria: Poesia

Descrição: A vida apresenta alguns poucos tons, Quando vista Pela janela das oportunidades reais...

A vida apresenta alguns poucos tons, Quando vista Pela janela das oportunidades reais... As buscam pretos, brancos, "marrons" sonhando encontrar as tais... Se vira aí, meu rapaz! Não reclame critérios da prova de desempate: A vida bate forte... Ah, e como bate!

Data : 09/09/2016

Título : Poema Sóbrio

Categoria: Poesia

Descrição: Ao debruçar a minha esferográfica azul, Ainda morna, em morno leito amarrotado...

Ao debruçar minha esferográfica  
Azul, ainda morna, em morno  
Leito amarrotado;  
Um poema em desalinho, desenhado,  
Por sobre a plataforma amarelada  
Das muitas lembranças escritas,  
Quase que dissimuladas...  
Em forma de letras estudadas,  
Agradeceu!  
E o silêncio prazeroso  
Da noite nos envolveu.  
Nenhuma máquina estaria ligada.  
Rua alguma em movimento:  
Eram eu, o silêncio e o momento,  
Que me faria brevemente devotada.

Orvalho, em louvor do esquecimento,  
Convidava deitar-me sob o manto  
Do céu estrelado...  
Fina lua respingada,  
Na, então, ainda longa madrugada.  
Fechemos os nossos olhos,  
Poema sóbrio.  
O dia logo amanhece:  
Arrebol caiado donde, ínfimos detalhes,  
No íntimo de todo pecado, reaparece!

Data : 09/09/2016

Título : Poesia II - Sinfonia

Categoria: Poesia

Descrição: Que a esferográfica azul, parceria De minha pacata agenda noturna...

Que, a esferográfica azul, parceria  
Da minha pacata agenda noturna,  
Me ajude a compor poesias  
Que não me contem dos desfalques  
De alheia alma a atravessar desertos.  
Uma poesia - tira me ela a paz -  
Sem alterar ingênua guerra íntima,  
Construída nas vozes e vezes  
Da calma dos seres inquietos...

Como se andeijos marujos do Saara,  
Viajando sob o dorso do vento seco;  
Expostos à miragens do meio peregrino:  
Adormecer soldado e acordar menino,  
Ao fugir das tempestades  
A caminho dos seus destinos.  
Com suas bagagens  
De tartaruga gigante sobre o calejado  
Dorso; como se elas moradas fossem.  
Uma poesia, onde, as notas,  
Façam-me tocar o íntimo  
De arranjos musicais desajeitados  
- invenções de cérebro cansado -  
Fomentado pelas notas de Mozart,  
Ou Beethoven e seus delicados ouvidos  
Nos idos de 1820,



Embelezando a Nona Sinfonia...

Assim, desejo, me seja a poesia.

Quando dela me farei ouvinte

- vultosa companhia -

Do amanhecer ao dia seguinte.

Data : 01/01/2017

Título : Prendendo e Aprendendo...

Categoria: Crônicas

Descrição: Ainda sobre situação de presídios: enquanto mídia se encarrega em mostrar, via imagens...

AINDA sobre situação de presídios: enquanto a mídia encarrega-se em mostrar, via imagens tenebrosas, as trincheiras fantasiosas que os aprisionados mal e parcamente constroem dentro dos seus fantasiosos domínios de poder; pela vida à fora, pessoas cada vez mais tornam-se reféns dos noticiários exibidos nos telejornais. Notícias estas - bem ou mal - aproveitados pelos encarcerados, óbvio. Algo de que irão utilizar se para demonstrar o seu descontentamento com a justiça e a própria 'casta' marginal, uma vez que julgam-se, e, por que não o são os injustiçados da vez. Sendo que indiretamente é quase isto que na verdade o são se olharmos pelo lado de que lhes é tirado o direito à liberdade, mas em troca o que recebem é um passaporte para o aperfeiçoamento da maldade. Uma vez trancafiados em verdadeiras masmorras úmidas e fétidas, o inferno na terra, viram bichos irracionais. Desprovidos da razão mas alimentados pelo pouco da racionalidade que lhes resta, tentam o improvável: uma roleta russa, quando seria melhor matar ou morrer do lado de fora. Compreendes? Suas visões e versões estariam, assim, tão erradas?

Veja bem: quando criminosos incorrigíveis escancaram sua revolta, um tapa de luvas vem nos acertar para acordar a estupidez humana que é trancafiar gente sem a mínima chance de reeducar-se, privados por completo de obterem, também, uma melhor postura diante da sociedade. Coisa esta que em todos nós deveria ser estimulado quase que diariamente, afinal (somos seres falhos e nem sempre isto se dá com naturalidade) detectar o erro em em nós é primordial; pois falhamos nalgum ponto, de certo que sim. Olhando por este prisma, devemos ou não devemos isso ao encarcerado? Salvo casos excepcionais de psicopatia, tornando-o patológico neste grupo, mais uma vez sim. A dívida é dar uma geral no comportamento destes, devolvendo lhes a cidadania ofuscada. Claro fica, cada vez mais, que estes seres precisam da nossa atenção. De uma justiça mais

desburocratizada para haver, um dia, uma sociedade mais harmônica. Estas questões devem ser urgetemente tratadas e isto não se dará da noite para o dia. É preciso tempo, coragem e muito investimento. Pois, enquanto lhes for negado total acesso a educação e o mínimo de dignidade ao longo da detenção, pelo órgão de competência deferido, as chances de recuperação continuarão cada vez mais escassas, sem sombra de dúvidas. Não esquecer: de alguma forma somos todos reféns do sistema. Dançamos conforme a música. Fato.

Acreditamos no ilusório: somente prender e oferecer maus tratos como punição, comprovadamente não melhora ninguém. Muito antes pelo contrário, como já dizia Didi Mocó, lembram dele? Um dos nossos palhaços improvisados - ou ainda uma referência a espetacular candidatura do palhaço mor, ministro lá em Brasília que precisou ser alfabetizado para assumir o então cargo na câmara, o vulgo Tiririca - como vem sendo toda esta política de inadequação desde 2016, por sinal.

Hora de amadurecer, gente. Já basta de tanta lerdeza mental! Precisamos de ideias efetivas. Alguém?! Eu, sinceramente, já queimei neurônios a milhão, como vem fazendo a presidente do STF, ministra Carmem Lúcia com relação a tantos assuntos (ela compareceu pessoalmente no Sergipe antes de estourar uma das rebeliões que também derramou sangue nos cárceres de lá, eu lembro!). Não gostaria nenhum pouco de estar na pele dela '...bora acompanhar e torcer pra que tudo se resolva da melhor maneira possível. Se eu obtiver uma ideia de breve solução, que seja, escancarar. Porque é assim que deve ser. Sem medo de errar, ao menos tentar e discutir saídas. Os livros que a eles, os prisioneiros, serão destinados segundo manifestos do ministério de cultura e justiça, é uma pequena luz. Que tal a gente fazer corrente e espalhar por aí, internet e outros veículos, sugestões de leitura: livros, cursos e mesmo profissões condizentes com a situação psíquico/social (em cela) do apenado em condições de ressocialização? Ao invés de postar tudo quanto é baboseira estúpida - degradação humana em forma de ofensas - opção melhor seria sugerir nome de livros a serem doados, captou?! Mãos a obra FELIZARDOS à luz da liberdade.

Nota: Projeto Remição da Pena Pela Leitura. Ao apresentar uma resenha de cada leitura, citando obra e respectivo autor, o apenado tem diminuído o seu tempo de detenção em até quatro dias por unidade lida. E enquanto se instrui, a motivação aumenta despertando o interesse por uma vida melhor. O projeto já existente vem sendo reforçado na busca por mais adeptos.

Data : 01/01/2017

Título : Projetos, Dedos e Crônicas

Categoria: Crônicas

Descrição: Pessoas, ou grande número delas; têm o péssimo hábito de tentar adivinhar...

Pessoas, ou, um grande número delas têm o péssimo hábito de tentar adivinhar pensamentos de outrem. Talvez pelo simples motivo desse outro calar-se diante de alguns fatos corriqueiros. Eu sempre me ative em respeitar o silêncio do próximo. Vai ver ele não quer dizer que está insatisfeito contigo, ou por alguma outra queixa qualquer(mais íntima aos dois), não manifesta o que sente ou pensa ali, naquele momento.

Não, péra aí, vamos corrigir isso - mesmo porque, corrigir-se tornou fundamental o ato de tomar atitudes maduras, caso queiramos atingir um bom nível de intelectualidade e progresso interpessoal. Do contrário, seremos sempre-sempre aquele bebeção choroso dependente das decisões paternas - faz parte dos de bom senso policiar-se.

Como ia dizendo, pensem criaturas, quando alguém não manifesta opinião naquele exato momento em que você esperava uma reação ou resposta, quem sabe este alguém esteja querendo poupar-te de aborrecimentos desnecessários ou, pior, percebeu que não vale a pena tentar impor suas ideias viciadas. Porque constatou a tempo que não aprendestes nem a ouvir, quanto mais dar-te em resposta uma explanação à altura das suas teorias desenvolvimentistas, ignorando a falsa modéstia, claro. Cada qual têm seus seus projetos, sonhos e ambição. E se fores reparar nos cinco dedos da sua mão esquerda, amigo, notarás que nem mesmo eles se parecem. O que esperar de outro ser humano, então? Compreensão é palavra chave que nunca sairá de moda. Avante!

Data : 09/09/2016

Título : Quando Me Bate o Sol

Categoria: Poesia

Descrição: Somente para pilhar O destino...

Somente para pilhar

O destino

Tomo eu logo rumo

Na vida.

Deixo me guiar por caminhos

De Sol  
Pois que ele  
Energiza meus passos  
Na longa estrada.  
Ando, ando, ando.  
E (de novo),  
Torno a andar só.  
Porque, a resposta  
Aos meus porquês,  
Será sempre a própria  
Caminhada,  
Sob o ilustrar  
De glamourosos sóis.

Sua bênção meu rei!

Data : 30/03/2015

Título : Quanto outonos...

Categoria: Poesia

Descrição: Quantos outonos, de nós, eu vi dourar. O seu sopro... o quanto deu-me de vida!

Quantos outonos, de nós, eu vi dourar.

E seu sopro. O quanto deu-me de vida!

Ao vento palavras suas,

Soltas a murmurar:

Não te vás.

Fica!

Virão intempéries, querida.

M K (30/03/15).

Data : 09/09/2016

Título : Quem Sou Eu?

Categoria: Poesia

Descrição: Sou assim, assim. É o que eu sou...

Sou assim, assim.

É o que sou!

E assim que por aí me vou

– desperta!

Meio santa,

Um tanto impura.

Meio esperta,

Um tanto burra.

No geral, sou meiga,

Veza em quando, dura!

Busco alguém que goste

Deste meu jeito.

Alguém que me admire

As qualidades

Para depois, então, amar

Também os defeitos.

Exagerada!

Data : 09/10/2016

Título : Receita Dos Anos...

Categoria: Sonetos

Descrição: Sinto falta dos anos então passados, Em que tudo parecia, assim, genial...

Sinto falta dos anos então passados,  
Em que tudo parecia, assim, genial.  
Não via em nada traição ou pecado;  
Nem o mal parecia causar algum mal.

Hoje, sinto falta daquela menina que fui.  
Os anos voaram, os risos diminuíram...  
A pressa, dizem, pra isso tudo contribui.  
Foram-se os motivos que comigo riram..

E de novo sinto falta da menina que fui.  
Há quem diga, pô! Encare como normal,  
Porém, tenho pena do que por lá deixei...

O tempo, talvez, seja inimigo e influi.  
No entanto, agora, em tempo real,  
Decodifico mero "só sei que nada sei".

Data : 10/03/2017

Título : Recompensa

Categoria: Sonetos

Descrição: Deposite esse teu ousado olhar Naquilo tudo que os olhos...

Da serie Retalhos D'um Soneto (Parte IX)

Deposite esse teu ousado olhar  
Naquilo que os olhos não veem.  
No que não estiver ao alcance  
Planejado dessas ansiosas mãos...  
Certamente que o coração  
Sentir-se-á (de leve) tocado...  
E as palmas e joelhos tocarão a terra  
E as orações ditas se farão ouvidas...  
E embora não acredites, sabeis rezar.  
E os deuses, ó os deuses!  
Estes saberão qual recompensa te cabe.  
E dirás aos homens de boa vontade:  
Deus é o que sabe!  
Deus é quem sabe!

M. K. (10 de março)

Data : 01/01/2009

Título : Reencontro

Categoria: Poesia

Descrição: E, quando dei por mim.../ Já não mais havia eu, você... nós dois...  
Nada. Nunca mais "nós dois"...

E, quando dei por mim...  
Já não mais havia eu, você, nós dois.  
Ó, não! Nunca mais nós dois. Nada!  
E nem maldade. Nenhum rancor.  
Sequer um depois... Ah, o depois!

No entanto (como não?),  
Poderia existir algo, sim!  
Talvez ainda coubesse sermos amigos?  
Bons amigos... talvez.  
E sem tentar reunir pedaços:  
Resquícios de um amor antigo,  
Sentimento difuso, dorido,  
Que, se revivido, malvado amor,  
Só faria maltratar tudo outra vez.  
Muito além do que já nos fez  
Esta (cruel) tamanha dor!

Data : 02/05/2015

Título : Resiliência

Categoria: Poesia

Descrição: Sobrevive feroz, Aclamada a esperança...

Sobrevive feroz,  
Aclamada a esperança,  
Meio ao desespero  
E desgraças,  
O infeliz...

Mormente,  
Nas causas  
Mais improváveis,  
Complexas,  
Fomentar-se-á  
Insistente-mente  
A força inoxidável  
Nas reservas



Do resiliente

M. Hellen Loppez

Data : 11/01/2014

Título : Retalhos Dum Soneto

Categoria: Sonetos

Descrição: Chega-me assim, jeito moleque, mansinho./ Ilude, trava! Faço tudo para me (lhe) impedir/Promessas juradas, permanecer, aqui..

Chega me assim, jeito moleque, mansinho.

Ilude, trava! Faço tudo para me (lhe) impedir;

Promessas juradas: permanecer aqui sozinho;

Mas ele (o amor) se mostra, depois recusa sair.

Uma dor fugidia, amarga, aperta os lábios.

Uma lágrima teimosa cede: insistia em cair.

Ah, coração! És o mais vulgar dos sábios...

Quantas vezes, não traia me lhe devo pedir?

Tudo bem você eu necessitar algum carinho,

Então como resistir entregar-se a esta droga,

Não? Vaga igual veios d'água, tal desatino...

Esta límpida fonte que, por vezes, afoga!

Escoa qual rio na busca do mar, seu destino

Feito oceano! Gêmea alma com quem dialoga.

Marlene Kremer 14/10 - Passo Fundo, RS

Data : 12/10/2013

Título : Retalhos dum Soneto I

Categoria: Sonetos

Descrição: Chega me, assim, jeito moleque, mansinho.. Faço de tudo para me (lhe) impedir..

(Desatino)

Chega me, assim, jeito moleque, mansinho -  
Ilude, trava - faço de tudo para me (lhe) impedir...  
Promessa jurada - permanecerei, aqui, sozinho!  
Mas ele (amor) apresenta-se, depois, recusa sair.

Uma dor fugidia, amarga, aperta os lábios;  
Uma lágrima teimosa, cede: insistia em cair.  
Ah, coração! És o mais vulgar dentre sábios:  
Quantas vezes, não trai-me, lhe devo pedir?

Tudo bem você eu necessitar d'algum carinho,  
Então, como resistir entregar-se a esta droga,  
Não? Propaga igual veios d'águas, tal desatino.

Esta límpida fonte que, por vezes... lhe afoga!  
Escoa qual rio na busca do mar, seu destino

Feito oceano; gêmea alma com quem dialoga!

Data : 15/07/2015

Título : Retalhos dum Soneto IV (VII)

Categoria: Sonetos

Descrição: ah, frágil palavra a saber!/ se me afundo em poesias...

Ah, frágil palavra a saber!  
Se me afundo em poesias,  
É porque há bem pouco a dizer;  
Se não sendo em profunda harmonia

Subordinados, somos, ao mero viver.  
O que no homem é inda mais forte  
Em cada falsete a se lhe obedecer...  
Impostos pelos dribles à sorte...

A que afagamos desde o nascer:  
Intrusa vulgaridade vil da morte  
Vil, o luto que frustra em rondar

O comum, obsoleto, julgado incomum;  
Que, indiscriminadamente, um a um,  
O final abraço vem (meio depressa), alçar.

M. K. (11/07/15)

Data : 09/09/2016

Título : Rigidez

Categoria: Poesia

Descrição: Minhas estúpidas Lágrimas...

Minhas estúpidas  
Lágrimas,  
Almejam lavar mim'alma  
Estúpida.  
Vai fundo,  
Vai, bate forte!  
Quem sabe acorde  
E absolva me os defeitos  
Ao perdoar algum bom feito  
Desfeito pela má sorte...  
Quando desta pressão vivida  
Exigidos os efeitos  
Do meu norte:  
Virtude e lucidez.  
E quanto mais toscamente,  
Ainda que na demora flua  
Balsamando feridas,  
Que aguarde eu a crua  
Rigidez  
Maculada  
Estampada  
Na estupidez  
Da morte!

Data : 02/07/2015

Título : Sabor da Tristeza

Categoria: Poesia

Descrição: Ensimesmada me confundo/ No rápido afastar das horas...

Dor da saudade, sensação  
que amarga dentro do peito  
você pede que vá embora,  
ela insiste - não tem jeito!  
Ensimesmada me confundo  
no rápido afastar das horas  
em vão, sofro calada,  
a solidão que não me ignora...

O tempo, infiel amigo,  
é parceiro dos dias amargos  
e não dispensam o lirismo  
do amor que viajara ao largo  
dessas coisas sem altruísmo  
a nos levarem mais além,  
trazendo um pouco do afago  
e que julgueis, de si, aquém...  
Só não me iluda (promessa)  
a confundir me a mente:  
quero esquecer o passado,  
em nome de viver o presente.

M. K.

Data : 09/09/2016

Título : Sabor Tristeza

Categoria: Poesia

Descrição: Dor da saudade, sensação Que amarga dentro do peito...

Dor da saudade: sensação  
Que amarga dentro do peito.  
Você pede, vá embora,  
Ela insiste - não tem jeito!

Ensimesmada, me confundo  
No rápido afastar das horas...  
E em vão sofro calada,  
A solidão que não me ignora.

O tempo, infiel amigo, ora!  
É parceria dos dias amargos.  
Não dispensa o lirismo  
Do amor que viajara ao largo...

Destas coisas sem altruísmo,  
A nos levarem por aí além...  
Trazendo um pouco de afago,  
E que julgueis de si, alguém...

Só não me iludas (promessa)  
A confundir-me a mente:  
Quero esquecer o passado,  
Em nome de viver o presente.

Data : 01/01/2015

Título : Se Me Amares...

Categoria: Poesia

Descrição: Se me amares... Amor: Não duvida ? te serei fiel!

Porque, se me amares,  
Amor,  
Não duvida  
– te serei fiel.  
Troco o meu riso amargo,  
Por esse doce e largo sorriso seu.  
Se me amares  
Amor  
Mesmo que desconheças  
Prometo  
Vasculhar contigo  
Os rumos  
Do paraíso...  
Se me amares amor,  
Acredita:  
Embora a felicidade ímpar  
Inexista,  
Viajaremos  
Por muitos céus!

Data : 01/12/2016

Título : SereNEmos...

Categoria: Sonetos

Descrição: Minha poesia já foi mais triste...

Minha poesia já foi mais triste...  
Hoje, exaltar aquilo nela existe  
Leva-me a quase estado de abstração:  
Qual medida dar se-ia a um coração?  
Se nele couber amor, que se registre.  
Ele nos sonda, pois que nele persiste  
O ideal de não ignorarmos ao irmão...  
Um rosto, um carente, mentes em aflição.  
E, em nome de toda uma existência...  
Rogo: jamais se perca o foco, a inocência.  
Assumi a tarefa, tome se por obrigação.  
Caminhemos, humanidade – caminhemos.  
Juntos assim, logo-logo a confluência  
Do rio deitando águas no mar - serenemos!

Data : 18/04/2018

Título : Solitude

Categoria: Poesia

Descrição: Quando meu corpo cansado não mais responder aos estímulos das alegrias...

Quando meu corpo cansado  
não mais responder aos estímulos  
das alegrias fugidas dos alçapões



que as prendeu,  
que eu me liberte  
nas asas do pensamento impróprio  
o qual me fará virgem  
das novas investidas  
rumo às desventuras  
em que o constrangimento de haver perdido  
o contexto da retórica,  
em defesa de mim mesma,  
me reponha o verdadeiro eu.

Data : 18/05/2022

Título : Solitude

Categoria: Poesia

Descrição: Quando meu corpo cansado Não mais responder aos estímulos...

Quando meu corpo cansado não mais responder aos estímulos das alegrias fugidas dos alçapões que as prendeu, que eu me liberte nas asas do pensamento impróprio que me fará virgem das novas investidas rumo à desventura em que o constrangimento de haver perdido o contexto da retórica, em defesa de mim mesma, me reponha o verdadeiro eu.

Data : 10/02/2018

Título : Soneto da Melancolia

Categoria: Sonetos

Descrição: O tempo que verga tão lentamente/ Os meus nervos de aço/ Que se partem com o teu abraço...

O tempo que verga tão lentamente.  
Os meus nervos de aço  
Que se partem com o teu abraço  
Onde vibro loucamente.  
Todo oceano de mágoas que se desfaz...  
Estes dormentes anseios  
Que procuro saciar por todos os meios...  
De tudo meu amor, por você eu sou capaz.  
Pouco a pouco me diluo em calmarias  
Porque este teu sorriso me satisfaz...  
Tanto que passou ser a base das alegrias  
Estas que pensei terem ficado para trás...  
As quais julguei não mais iluminar meus dias  
Mas que, num repente, devolvem-me a paz!

Data : 01/01/2017

Título : Soneto XII (Amores Meus)

Categoria: Poesia

Descrição: Corri em direção à janela. É de manhã Uma à uma - minhas estrelas amarelas...

Soneto XII (Amores Meus)

Corri em direção à janela. É de manhã.  
Uma a uma - minhas estrelas amarelas -  
Se apagam no longínquo do céu. Que belas!  
E vi acordarem folhas cinzas no pé de maçã.  
A videira deu cacho. Floriu a flor do romã!  
Mas e eu que inda sonho estar junto dela  
Não encontro palavras a dizer das mazelas  
Que se abateu sobre uma sua grande fã...

Ó bela noite estrelada, ó noite enluarada  
Que me põe saudosa, geralmente tristonha.  
Que me põe com um pé pisando a estrada...  
Vícios d'alguém que perdeu-se, enamorada.  
Maus hábitos de pessoa que ainda sonha  
Aderir você àquela paixão louca, desenfreada.

Data : 09/09/2016

Título : Subtraindo Letras

Categoria: Poesia

Descrição: Sei. Sou mutável, sou mutante. Mudo tudo de lugar...

Sei. Sou mutável, sou mutante.

Mudo tudo de lugar,

Mudo tudo o tempo todo:

Tudo ao mesmo tempo (em tempo)

No templo dos relógios.

Ele acorda no meio do dia, diz bom dia.

Depois, almoça à meia noite.

Desorienta, inferniza à damas.

Muda a derme: relógios nos roubam,

De colágenos à clorofila dos verdes.

Mudo, eu. Cala tu. Exemplifico.

Perde em sabor a vida claustrofóbica:

Claustro mosteiro das algas e corais no Índico.

Modifica se o rumo das conversas

Quando falha a velha prosa:

Silêncios demasiados gemem alto

Quando não solicitados.

Contrária aos manuscritos encarcerados,

Uma certa quietude me suporta:  
Faz oposição ao modo indiscreto  
De examinar Florbela Espanca  
(ainda que se pareçam mulher e poema).  
Pois que, falar de amor e tristeza,  
É como tocar em única sequência  
O teclado dos pianos: a quem importa  
O alarme do frigorífico, a buzina da ambulância?  
Catastrófico, sei! Mas somente eu posso mudar  
O rumo das aéreo líneas que voam a Bali  
Sobrevoando Pacíficos. Estrofes no soneto original;  
Embora me veja uma aficionada por lendas e sonetos.

Interfiro nas sínteses mal comentadas.  
Nego sentido próprio à semântica.  
Folheio dicionários com dedos afoitos  
E olhos avermelhados, irritados.  
Afetados estão pela alergia às traças:  
Coisa inoportuna; mas sempre a cata  
Das palavras.  
Confundo hiatos com boatos,  
Alhos com bugalhos.  
Desço o rio na carona da quina da onda  
Destinada ao mar. Ocupado, está,  
Em lançar uma das pranchas de Guga  
Em praias de Santa Catarina.  
Empunho luvas subtraindo vaias,  
Num louvor à raquete de Kuerten;  
Enquanto Nadal se afoga em sudorese  
Alinhado aos fios das redes de nylon.  
A cada árvore cortada, dou lhes um aterro  
Com aromas de ramos de alecrim...  
Sem sequer questionar o porquê  
Da existência do átomo.  
Ou o ressuscita(mento) de féretros.

Peço, ainda, sepulta-me na floresta  
Dos bugios  
Negando uso a florins estrangeiros:  
A menos que o achado sejam notas musicais  
No violoncelo do Adam Hurst, ao som  
Do Mix Sparrow e sua Melancholly.  
E das borboletas nas quatro estações,  
Digo, serão elas, borboletas azuis,  
De fato, lambendo à metamorfoses  
Ufológicas; os recém chegados sois  
De Plutão ou Marte, durante alternância  
De base, nas bases de Cabo Canaveral?  
Alienígenas com a cara dos asteroides  
Abatidos em voo, na vastidão do infinito.  
E que nem transgressor ele é, admito!  
Detritos caem ao mar, regularmente.  
Mas se farão salvas - do exílio -  
As letras do meu confiável alfabeto.

Data : 01/01/2015

Título : Supernova

Categoria: Haicais

Descrição: E todos são felizes. Ah, como eles o são...

E todos são felizes.  
Ah, como eles o são!  
E ninguém é triste  
E ninguém está a sós.  
Por que então reclamar  
Um mundo melhor  
Se não me reconheces,

Nem a vós?  
E seus dias, todos tão iguais!  
Um lampejo de sol  
Ao pátio e brota lhes ares  
E aromas mesmo dos sonhos  
Mais irreais.  
Mesmo os saídos dos cassinos,  
Dos bares  
Em sabidas noites clandestinas  
Longe, perto... outros olhares  
que mostram se. Amoris?  
Te vestes na forma de anjo  
Mas, quais vestes  
Prometes a teus filhos e primos,  
aos pares,  
Em mundos sempre tão desiguais?  
Somos a picada do inseto  
De debaixo da pia  
Que, à pele alheia, sem demora,  
a infla  
Na decepcionante menção - meio ao rol -  
de ser-se aquele poderoso, talvez,  
um deus, uma ninfa...  
Lutando a não sucumbir sob um jato de aerosol!

Data : 08/11/2017

Título : Teias da Tristeza

Categoria: Poesia

Descrição: Me pedem pra dizer da minha tristeza E fico interpretando o mundo que me rodeia...

Me pedem pra dizer da minha tristeza  
E fico interpretando o mundo que me rodeia  
Se eu disser que dele esvaiu-se a leveza  
Terei como resposta, ora, a vida não é tão feia

De certo que a mim cabe a ela desvendar,  
Mas como desembarçar-me dessa sua teia?  
Penso dos braços do amor não desvencilhar  
E, como entrave, a vida se me põe alheia...

Persigo destinos que me devolvam esperança  
Algo leve que me leve ao pretense despertar  
Algo com o qual possa fazer breve aliança,

Um mundo lúcido, farto de trilhas para trilhar.  
Um conchavo para com minha confiança  
Quando eu diga, plena, reaprendi a amar!

Data : 12/06/2016

Título : Tela e Arte

Categoria: Sonetos

Descrição: Amo como amam as nuvens. Plumas Entre céu e mar...

Amo como amam as nuvens... Plumas,  
Entre céu e mar, os deuses. Elas divas!  
Como tempestade de estrela e brumas  
Por si expostas, depostas e à deriva...

Amo como aos que a carne dilacera;  
E sem ser boca, e sem ser fera.  
A tudo que tenha princípio, meio e vez.  
Amo-o, assim. Desde o início até o fim;  
Puro engano comprometido na lucidez.  
Esta, que o seu desamor tirou de mim.  
Amo com pesar embora pense odiar te;  
Nem menos ou mais. E somos tela e arte  
E tudo o que há no aqui e agora... Enfim,  
Amo como amo por saber de ti ser parte.

Data : 09/09/2016

Título : Um Adeus

Categoria: Poesia

Descrição: Como adivinhar lhe incógnita face, Filtro dos disfarces após maravilhas...

Como adivinhar lhe incógnita face,  
Filtro dos disfarces após maravilhas  
Que hora a mim tornam como graça?  
Recompensa por suas ingratas palavras,  
Ditas com rudeza (frias), jogadas ao ar?  
Não! Não me peças perdão.  
Não saberei eu o que calar.  
Antes beija-me alto e forte a boca,  
Às cegas, como se a única saída  
Digna de perdoar fosse tua e não a louca  
Indecisão minha, que leva me agonizar,  
Sozinha, na varanda das saudades  
Preferíveis de serem sepultadas



Para todo o sempre, se expostas  
À imensidão das areias desérticas  
E que se perdem, ao fim, no horizonte  
De todo o sofrível desenlace.  
Vai. Deixa-me ser ave liberta,  
Perder-me nos céus das promessas  
E ilusões, avariadas... adversas...  
Encontramo-nos, lá, no meu infinito,  
Quando já houver aprendido  
Que, finalmente, aprendi a me amar.  
Diga me, adeus?

Ano : 2014

Título : Um Certo Fred Astaire...

Categoria: Sonetos

Descrição: Foi quando, então, decidi por fazer me viva: Quando passei a contar incontáveis estrelas; Assim! Como quem, estupefata, adora vê-las...

Foi quando então optei por me fazer... viva!  
Quando passei a contar incontáveis estrêlas,  
Assim, meio que estupefata ao adorar vê-las  
No magneto oculto: esfera ilustrativa dos céus.

E sem ter como contar lhes em seus dedos...  
Agoniada, vai e confia lhes certos segredos...  
Atrevendo-se a ludibriar Evas, ameaçar divas,  
A amar sem medo a quem lhe amar vier...

E ainda que trovões dispersos instiguem furtiva  
Nudez (estes nada santos desejos de mulher),  
Habitou-se negar ao que não convém, ou quer.

Garante a farsa subsistente à Diana, sobreviva,  
Aos encantos de um Eros camuflado, se houver,  
Nos palcos do paraíso... Um certo Fred Astaire?  
(P. F. 01/05/14)

Data : 29/10/2012

Título : Um Estranho No Ninho...

Categoria: Poesia

Descrição: Cheguei! E realmente, me chegaste, sim! Assim o foi e tão de repente, Imitando anatomias...

Cheguei!

E, realmente, me chegastes sim!

Assim o foi e, tão de repente,

Imitando à anatomias, diria:

A mais bem sucedida e perfeita!

Vinda dum emaranhado de linhas

Feito enfeite.

Caixinha de surpresas colorida

– presentão!

Um tilintar, um amontoado

De sucessivas batidas

Coração?!

Mas, ainda que enclausuradas

Neste mistério restrito - delicada prisão -

Afloram de si, então, as respostas.

Expostas. Todas postas em avaliação.

Como que num suspense

E, lentamente, desvela se o raio xis

– emoção!

Traz consigo, escondido, e me diz  
Daquele seu algo secreto,  
Protegido, ao qual denomino  
Paixão?!

Eis que, um estranho no ninho,  
Volveu do Segredo (o esconderijo)  
E sem segredos velou por noites e noites  
Um sono e uma razão  
(sem a mínima razão).

Pois, mesmo que longe, antes ou durante;  
Veio-me entremeando convulsivos sonhos,  
E embora abastadas, fizeram se minúsculas  
As nascentes deste amor líquido,  
Emergente, desejoso do alimento  
Simples - por outra - de todo eficaz.  
Suficiente, quando em decocção.  
Mas, se ali destilado... Alívio:  
Absinto na dor!  
Se destinado ao carente  
De um desejo ardente  
– sedução: absinto na dor!  
Agora, essencialmente, não fora dúbio  
Me serias - tão somente -  
O meu grande, querido  
Amor!

Data : 26/05/2012

Título : Um Eu Vulnerável - Amar II

Categoria: Poesia

Descrição: E das minhas mãos espalmadas/ Qual duas folhas do plátano....

E das minhas mãos espalmadas  
Tal como folhas do plátano,  
Escorregando leve nas águas turvas  
Das chuvas,  
Às soltas no chão do outono,  
Por toda uma rua;  
Brotavam inquietantes  
Carícias,  
Aquecidas d'um desejo tenso,  
Uma vontade intensa: alcançar-te.  
Alçar te como faz o Céu ao abraçar a Lua  
Longe da Noite escura.  
E num ato inconsequente  
Deixar-me violar...

A pele sua,  
Minhas costas nuas  
Eu abandonada em seu leito  
A ostentar Luxúria...  
E é assim, desse jeito,  
Para o meu auto exílio e deleite  
Que, dentro, em meu peito,  
Devo também, me deixar amar!

"O amor é quando a gente mora um no outro".

"Amar: E da minha boca fechada nasceram sussurros  
e palavras mudas que te dediquei..." (Mario Quintana)

Passo Fundo, 26-05-12

Data : 17/10/2017

Título : Uma Moeda e Um Segredo

Categoria: Crônicas

Descrição: Lembro bem. Tinha a testa alta e um par de sobrancelhas que faziam um semicírculo acima dos olhos azuis esverdeado...

Lembro bem. Tinha a testa alta e um par de sobrancelhas que fazia um semicírculo acima dos olhos azuis-esverdeados e, morava conosco, na mesma residência, em um bairro simples da cidadezinha. Ainda hoje examino as feições do meu pai e vejo algumas semelhanças entre ambos. Minha avó paterna era linda, quase uma deusa. Assim eu a via. “Não saia correndo desse jeito, menina. Você pode se machucar”, dizia ela. “Cuidado com o vento frio quando toma café quente e sai no tempo, Maria Anita, a boca pode entortar”.

E lá voltava eu correndo para dentro de casa, obedecendo ao chamado.

Era o inverno de 1974, fazia um frio daqueles. Sem discutir, saía às pressas para pegar um agasalho apropriado e esperar o café esfriar um pouco. Os dias eram uma farra para mim e meu irmão Airton, que tinha um ano menos do que eu. Sempre fomos unidos. Na escola ficávamos meio de lado. Talvez timidez, talvez faltasse empatia. Sempre tivemos uma educação austera por parte de nossos genitores

Naquele dia, antes de sair, eu e meu mano nos deparamos com uma moeda qualquer na prateleira da cozinha (passado tanto tempo não sei precisar o valor), onde vovó e mamãe deixavam suas pequenas economias para alguma emergência. Numa troca de olhares de pura cumplicidade, deu-se a traquinagem: pegamos o dinheiro e então fomos para a escola. Ainda meio que

duvidosos com relação à lisura do ato praticado, rumamos receosos em direção ao grupo escolar que nos acolhia e ficava a vários quarteirões do povoado onde morávamos. Nessa época, o dinheiro, ainda mais escasso, era mantido às escondidas. Óbvio. Porém a tentação foi maior do que nós dois juntos. Não tínhamos noção alguma de onde “aplicaríamos” aquela pequena fortuna.

No final da manhã tocou a campainha nos corredores da escola, avisando que era hora de voltarmos ao lar. A rua que dava acesso para a nossa casa era uma avenida muito reta, feita com paralelepípedos. O caminho da volta se tornava ainda mais longo, debaixo do sol escaldante, quando verão. Assim, devido à fome e a falta de açúcares, nossos organismos pedia a presença de algum alimento, ainda que fosse algo que não nos alimentasse de forma adequada. Uma soma de gula e curiosidade se apossou de nós dois. Havia aquela moeda conosco, que destino dar a ela?

Após andarmos três ou quatro quadras, deparamo-nos com o único armazém aberto naquele horário. Curioso era que eu sempre sonhara entrar naquele estabelecimento, pois, as guloseimas ficavam expostas numa espécie de vitrine. Lembro que fiquei em dúvida na hora de fazer o pedido, se sim ou se não. A tentação existia e resistia em nossos corações. Tarde demais! Solícito, o dono do pequeno armazém nos informou os preços das mercadorias expondo-as a nossa frente. Pouco ou quase nada entendíamos de preços, mas, havia ali uma imensa quantidade de doces. No entanto, a evidência ficava nos chicletes de bola, coisa que ainda era novidade naquele tempo. Ao menos para mim e o mano, era. A resistência acabou e fui logo tomada de novo ânimo para fazer o pedido. Sem saber exatamente a valia da moeda de que dispúnhamos, pegamos logo uma porção generosa dos chicletes que ali se mostravam a nossa frente. Rendeu um maço grande, que dividimos enquanto íamos distribuindo-os nos bolsos do avental, nas bolsas a tiracolo e onde mais coubessem. Já na rua, matei a minha ansiedade e coloquei dois de uma só vez na boca. Hum! Que maravilha aquilo tudo. Um sabor jamais experimentado em nossas pequenas vidas. Curiosidade saciada, de volta ao destino: a casa de nossos pais.

Longe do meio dia, entramos e fomos para a mesa almoçar. Vovó, generosa e sorridente colocava o almoço: “Lavaram as mãos, para comer?” Perguntou. Mas, cadê a fome. A desculpa, nem lembro. Passou batida. Ao menos por enquanto as coisas estavam bem. A mãe, sempre ocupada com o bebê, naquele momento nem reparou no ocorrido devido as tarefas.

Passado alguns dias, vovó Ingracia, como sempre atenta e nos observando, fez a pergunta capital: “O que foi que vocês dois aprontaram? Debaixo de suas camas encontrei certa quantidade de papeis, que pareciam ser doces recentemente abertos, podem me explicar?” Me fiz de desentendida: “Como assim, minha avó? Não temos doce algum”, disse. “Claro que sim”, retrucou ela. “O Pitoco brincava com algo hoje pela manhã. Fui examinar e vi o que era: são uns papeizinhos coloridos, todos melecados. E tem cheiro de frutas. O cão deve tê-los aberto e deixou alguns espalhados pela casa. A mãe de vocês também percebeu isso. Agora, que explicação daremos para ela?”

Meu irmão, Airton, entrou na sala naquele exato momento e ficou ciente do que se passava. Percebi que ele ficara todo vermelho e sem jeito, assim como eu também ficara: uma espécie de vergonha e arrependimento “Conta a verdade, mana.” Não relutei muito e fui logo entregando o jogo - qual a outra saída? Eu

que assumisse e ponto final! Respondi: "Nós encontramos a moeda, vovó, foi no outro dia, no armário da cozinha... Não sabia que ela era assim de alto valor. Então, pegamos o dinheiro e entramos no armazém do Seu Antônio, lá na avenida principal, depois da saída das aulas, sabe? Pegamos uns doces, esses, que o Pitoco espalhou pela casa."

Ela, muito séria, franziu o cenho como que tentando encontrar uma saída justa e, procurando tornar a situação o mais maleável possível, falou: "Pois bem, o dinheiro era meu. Deixei lá para que sua mãe, no domingo, os levasse ao parque, andar na roda gigante conforme o prometido. Vou tentar convencê-la de que não os castigue por isso. Talvez me ouça e não os repreenda de forma acintosa." Neste momento, o mano começa a se contorcer e massagear a região do abdômen, numa mostra de que não estava passando bem. Percebi que não era fingimento: ele estava pálido e com os olhos fundos. A mãe, que chegava naquele instante nos questionou: "O que houve?" Porém, o estado de saúde do mano deixou-a bastante preocupada, uma vez que ele, frágil, sempre meio adoentado, requeria cuidados especiais, passando a ser o centro das atenções dentro da casa. Mas ali, presente, havia uma figura muito querida e ela não nos deixaria mal, certamente: vovó se pôs de lado e cochichou alguma coisa inaudível no ouvido dela. Certamente, ao saber do ocorrido, mamãe repensou e aliviou a situação dando sinais de que esqueceria - ao menos por enquanto - a bronca merecida. De imediato, dirigiu-se à cozinha para preparar um chazinho de camomila e outro de marcela: "Aquece mais água, Maria Anita, depois a gente conversa."

Diante dos fatos, o mano que sempre fora um menino franzino e quase nunca levava bronca, salvou a bandalheira toda. Ainda assim levamos um pequeno castigo: não iríamos ao parque coisíssima nenhuma. E os dias seguiram na mais perfeita harmonia!

Data : 27/09/2014

Título : Vento Leste

Categoria: Poesia

Descrição: Não te vás, assim, tão depressa/ Minha vontade de ter vontades...

Por quê? Porque vivi. Revivi. E é tanta mesmice!

Revisitei mágoas, malas: tantos são os caminhos.

Suportei carmas, cataclismas... Muitas tolices,

Suportei. Ora 'inda luzem teus fracos carinhos.

Mas não te vás, assim, tão depressa,  
Minha vontade de ter vontades!  
Torna a acreditar n'alguma outra promessa:  
Ser brisa, por instantes, não probabilidades.  
(27/09/14)

Data : 09/09/2016

Título : Vil

Categoria: Poesia

Descrição: (Retalhos D'um Soneto IV) Ah, frágil palavra a se saber!...

(Retalhos D'um Soneto IV)

Ah, frágil palavra a se saber!  
E se me afundo em poesias,  
É porque há bem pouco a dizer...  
Se não sendo em profunda harmonia;

Subjugados, somos, a um mero viver...  
O que no homem faz se'inda mais forte,  
Em cada falsete a se lhe obedecer...  
Imposto por direitos ou dribles à sorte!

A que afagamos desde o nascer:  
Intrusa vulgaridade vil, da morte  
Vil. O luto que se nos frustra ao rondar.

O comum, obsoleto, julgado incomum,  
Mas que, indiscriminadamente, um a um;



O final abraço vem (sutil) nos alçar.

Data : 13/05/2013

Título : Xadrezes

Categoria: Poesia

Descrição: Meus pés do andar, cansados,/Ainda trilham o vago;/ Seguem as mesmas trilhas/ De todo o descaso...

Meus pés do andar, cansados,  
Ainda trilham o vagar do vago;  
E seguem as mesmas trilhas  
De toda lamúria ou descaso,  
Que nos fez escravos de nós mesmos.

Mas quando tornares ao seio da casa,  
Irei afundar-me nos teus abraços.  
Abraçar nuvens de cheiros  
Desenhos de travesseiros,  
Xadrezes de almofadas...  
Beijar-te-ei a boca molhada.

Examinarei, faminta, o volume do sal  
Do teu oceano.  
Beberei, depois, do colo da noite  
O sereno  
Ao pisar o solo deserto deste espaço  
Donde usas e abusas do seu direito  
De andar em terra firme,  
Enquanto me disfarço:

Pele, pelos e coxas (sussurros roucos).

Ignoramos, pois, quaisquer desculpas,  
E aquele nosso suposto cansaço...

Amo desmaiar (a sós) em teus braços,  
Sem remorsos, sem culpas.

E neste jogo, ao pôr de outro dia, refaço me!

Marlene Kremer (13/05/13).